

MEMÓRIAS DO MOVIMENTO METANOIA NO MARÃO

UTOPIA CRISTÃ
EM TEMPO
DE DITADURA

CARLOS Balsa

ANO INTERNACIONAL DAS COOPERATIVAS 2025

Memórias do movimento Metanoia no Marão
Utopia cristã em tempos de ditadura
Carlos Balsa

Impressão
EUROPRESS

Tiragem
300 exemplares

ISBN
978-972-9424-68-7

Depósito Legal
544891/25

Conceção Gráfica
FILIPE PINTO

CASES, Lisboa, março de 2025

CASES

Cooperativa António Sérgio
para a Economia Social

Rua Américo Durão, n.º 12-A, Olaias
1900-064 Lisboa
(+351) 213 878 046/7
www.cases.pt
cases@cases.pt

Casa António Sérgio
Biblioteca (Lisboa)

Travessa Moinho de Vento n.º4
1200-728 Lisboa
(+351) 213 955 118
casa.antserg@cases.pt



MEMÓRIAS DO MOVIMENTO METANOIA NO MARÃO

Utopia cristã em tempos de ditadura

Carlos Balsa

11

INTRODUÇÃO

13

ANTÓNIO SÉRGIO E O PROJETO
DE UMA SOCIEDADE COOPERATIVISTA

15

JOAQUIM ALVES CORREIA
E A LARGUEZA DO REINO DE DEUS

18

O FIM DA GUERRA
E A ESPERANÇA DE UMA NOVA ERA

21

GRUPO METANOIA
DE CRISTÃOS COMUNITÁRIOS

25

DE LISBOA À CAMPEÃ,
NA SERRA DO MARÃO

33

O REFÚGIO EM VILA REAL

36

UMA COOPERATIVA COMUNITÁRIA
NA CAMPEÃ

43

EDIÇÕES METANOIA EM VILA REAL

46

A DOENÇA DE ALVES CORREIA
E A ESPERANÇA DO SEU REGRESSO

49

O PRINCÍPIO DO BOLETIM COOPERATIVISTA EM VILA REAL

54

OS CRISTÃOS COMUNITÁRIOS
E A EVOLUÇÃO DO SETOR COOPERATIVO

58

QUINTA DA MALHADA,
UM LUGAR HISTÓRICO

64

PERCURSOS DE VIDA

69

UM RIO QUE VEM DE LONGE

73

CONCLUSÃO

77

BIBLIOGRAFIA

Não imaginei, quando fui convidado para presidir ao INSCOOP que viria a ser extinto dando lugar à CASES, que me iria confrontar com uma realidade tão densa de história e povoada de protagonistas tão revelantes no pensamento e estimáveis na ação. São largos anos coabitando com esse caudal de ensinamentos aos quais não sei como guardar fidelidade, senão prosseguindo na ação que nos deixaram como herança. Vou somente citar um entre tantos que entregaram a sua vida, e o tempo mais feliz dela, à causa do cooperativismo – António Sérgio, a alma mater da moderna doutrina cooperativa portuguesa, inserida numa ideia mais geral que Sérgio definiu como «a grata substituição da supremacia do Estado pelo governo da economia pelo próprio povo ou por legítimos representantes desse mesmo povo».

A ditadura que, de forma branda, muitas vezes é intitulada de "Estado Novo" rasurou, durante 48 anos, de 1926 até ao 25 de abril de 1974, de forma violenta, a memória da obra, material e imaterial, de uma plêiade de livres-pensadores que continuam, a mor das vozes, silenciados. António Sérgio é um desses ilustres, e estrénuos, defensores da liberdade de pensar para construir uma sociedade mais justa, erguida pela vontade livre dos cidadãos auto-organizados.

António Sérgio deixou discípulos e seguidores que ao longo das suas vidas tiveram a coragem, em plena ditadura, de ousar empreender projetos fundados nas suas ideias, como é o caso do "Movimento Metanoia", que se descreve neste ensaio original, resultado de uma cuidada investigação. O seu autor, Carlos Balsa, fez-me chegar a ideia, que logo me pareceu muito interessante e estimulante, apelando à aventura da sua publicação em livro que se dá à estampa no contexto do Ano Internacional das Cooperativas/2025. Este é um preito à memória daqueles empreendedores cooperativos, reunidos neste movimento, que ousaram desafiar o imobilismo reinante na sua época, antecipando uma faceta do que haveria de ser a doutrina social da igreja. Obrigado ao Carlos Balsa pelo seu labor desprendido.

Eduardo Graça
Presidente da CASES

**MEMÓRIAS DO MOVIMENTO
METANOIA NO MARÃO**
Utopia cristã
em tempos de ditadura

INTRODUÇÃO

No final dos anos quarenta do século passado, em plena ditadura do Estado Novo, um grupo de jovens católicos decidiu viver em conformidade com as primeiras comunidades cristãs descritas nos Atos dos Apóstolos¹. Estes cristãos comunitários iniciaram uma ação missionária, dentro da própria Igreja, com vista à sua renovação, que os levou até à Campeã, na serra do Marão, onde criaram, com alguns agricultores locais, uma cooperativa comunitária, que viria a ser apelidada de «comunismo cristão»².

Os contornos exatos deste movimento, que ficou conhecido por Metanoia, são pouco conhecidos, pois os seus membros foram sempre muito discretos e nunca quiseram retirar notoriedade ou dividendos das suas ações, deixando apenas breves referências em textos dispersos por várias publicações. Lurdes Morais é uma das poucas pessoas ainda vivas que conviveu com eles nas décadas de 40 e 50. Tem 95 anos, vive sozinha na sua casa, junto ao lugar do Souto da Igreja, na Campeã, e transborda de memórias dessa época.

Apesar de ter conhecido quase todos os membros do grupo, Lurdes Morais conviveu sobretudo com o casal Fernando e Maria Luísa Ferreira da Costa, de quem tem muitas e boas recordações. *“Eram muito meus amigos — diz ela com entusiasmo — eram pessoas muito boas. O Dr. Fernandinho era muito inteligente, falava muitas línguas e tinha muitos estudos, era muito religioso, sempre que tocava o sino da igreja, lá ia ele. Dizia que precisava de estar com Deus todos os dias. A menina Luisinha gostava muito de conviver com as crianças e de observar o trabalho das mulheres ou quando passavam com o cesto à cabeça”*³. Não tinha noção de tudo o que se passava nesse tempo e do envolvimento do seu pai, Joaquim Morais (1904-1988), em atividades cooperativistas, pois tinha trabalho de sobra com que se preocupar. Mas tem ainda na sua posse quatro cadernos manuscritos com lições dadas pelo casal, que queria habilitá-la ao exame da 3.^a Classe para que pudesse continuar os seus estudos. Três cadernos provenientes da Livraria Sampaio, em Vila Real, e outro com uma capa feita em papel de embrulho da Livraria Sá da Costa. No meio de um deles estava também uma carta datilografada, endereçada a seu pai por Fernando Ferreira da Costa, datada do ano de 1953.

1 Os versículos 32 a 37, do Capítulo 4, dos «Actos dos Apóstolos», da *Bíblia*, descrevem a vida em comunidade dos primeiros cristãos e a partilha que eles faziam entre eles de todos os bens materiais.

2 Frei Bento Domingues em «A minha dívida a João Sá da Costa», *Público*, 14 de julho de 2002.

3 Foram recolhidos vários depoimentos de Lurdes Morais através de entrevistas realizadas pelo autor ao longo do mês de abril de 2024.

Com base nos relatos feitos por Lurdes Morais e nas informações recolhidas nos seus cadernos e em diversas fontes documentais e bibliográficas, procura-se aqui compreender as origens e fazer a reconstituição das principais etapas do movimento Metanoia, com destaque para as ações que decorreram em Vila Real.

Fernando de Macedo Ferreira da Costa (1927-2006) fundou o grupo de cristãos comunitários com o seu primo João Silvino de Macedo Sá da Costa (1924-2002). A eles juntaram-se, entre outros, Maria Manuela Lobo da Costa (1926-2017), Maria Lúcia de Carvalho Nobre (1925-2018?) e Luísa Dacosta (1927-2015). O grupo contou também com o apoio e a colaboração de alguns católicos democratas que se reviam neste movimento de renovação da Igreja.

Fernando Ferreira da Costa e João Sá da Costa eram primos, filhos dos irmãos João e Augusto da Costa que tinham casado com as irmãs Silvina e Belmira de Macedo, naturais de São Tomé e Príncipe. Ambos tiveram uma educação católica, tendo o primeiro frequentando o seminário⁴ e o segundo começado a militar, desde muito cedo, na Ação Católica juvenil⁵, onde se aproximou do Setor Operário. Este setor, contrariamente às hierarquias da Igreja, considerava que o cristianismo e a democracia eram compatíveis⁶.

A iniciativa da criação do grupo de cristãos comunitários está muito ligada a duas grandes figuras do século passado: António Sérgio (1883-1969) e o padre Joaquim Alves Correia (1886-1951), com os quais os dois primos começaram a contactar a partir de 1943. Estes proeminentes pensadores influenciaram decisivamente a evolução das suas consciências e impulsionaram-nos a pugnar por uma sociedade nova e uma Igreja renovada.

4 Lurdes Morais, 2024.

5 João Sá da Costa em Correia, J. A. (1977). *Cristianismo e Revolução. Seleção de textos e coordenação de Anselmo Borges*. Livraria Sá da Costa Editora, p. 263.

6 *Id.*

ANTÓNIO SÉRGIO E O PROJETO DE UMA SOCIEDADE COOPERATIVISTA

Desde o seu regresso do exílio de seis anos em Paris, em 1933, António Sérgio — nome literário adotado por António Sérgio de Sousa — foi o grande defensor da implantação em Portugal de um sistema cooperativista, como forma de resolver os problemas económicos, assegurar a repartição justa da riqueza e, assim, construir uma nova sociedade, socialista e verdadeiramente democrática.

Propunha para o país um projeto político-económico assente nas cooperativas de consumo, organizadas em federações que, juntamente com os sindicatos livres, elegeriam os membros de um Congresso Económico do Povo, de onde seria proveniente o Conselho Económico responsável pela coordenação da República Cooperativa. Considerava também que a existência de um setor público de socialismo de Estado, em paralelo com o setor cooperativo, seria particularmente importante para a consecução deste objetivo. O setor público poderia auxiliar e apressar a convergência do setor de regime cooperativista para o modelo da República Cooperativa. Durante essa transição, o Estado não deveria interferir diretamente com as cooperativas existentes, limitando-se a apoiar e a fomentar o seu desenvolvimento⁷.

António Sérgio estava bem ciente de que a implementação de um sistema cooperativo implicava também uma mudança de mentalidades. Repudiava profundamente o catolicismo hipócrita praticado pelas alas católicas dominantes. Porém, apesar de não ser católico, António Sérgio conhecia profundamente os Evangelhos, cujos valores respeitava e admirava. Na sua opinião:

“o cooperativismo era um movimento de reforma tão efectivo e humano que, embora de características laicas, o considerava próximo do ideal cristão do Reino de Deus sobre a Terra”⁸.

Considerava, assim, que os Evangelhos continham as ideias e os valores essenciais ao espírito cooperativo.

Na sequência dos seus apelos aos cristãos partidários da democracia para que se associassem a ele na difusão dos valores evangélicos, teve a adesão do grupo de cristãos-sociais reunidos em

7 Costa, F. F. (1978). *Doutrinadores Cooperativistas Portugueses*. Livros Horizonte, p. 37.

8 Testemunho de F. Ferreira da Costa em Lopes, F. (1996). *Padre Joaquim Alves Correia (1886-1951) – Ao serviço do Evangelho e da Democracia*. Lisboa: Rei dos Livros, p. 251.

torno do jornal *Era Nova*⁹, do qual faziam parte o padre Joaquim Alves Correia e o seu irmão, o franciscano Manuel Alves Correia (1881-1948).

Fernando Ferreira da Costa e João Sá da Costa conheceram António Sérgio em outubro de 1943, quando foram seus alunos de Filosofia no Liceu Pedro Nunes. O eminente pensador, de quem viriam a tornar-se amigos e camaradas de luta contra o regime, fez reconhecer aos dois jovens católicos, através das suas capacidades pedagógicas e do debate aberto, lúcido e exigente, não terem entendido todas as implicações sociais do verdadeiro cristianismo¹⁰. Não sendo ele crente, remeteu os dois jovens para a leitura dos Evangelhos e do livro *A Largueza do Reino de Deus*,¹¹ escrito pelo padre Joaquim Alves Correia, seu amigo, que ele apelidava de verdadeiro cristão.

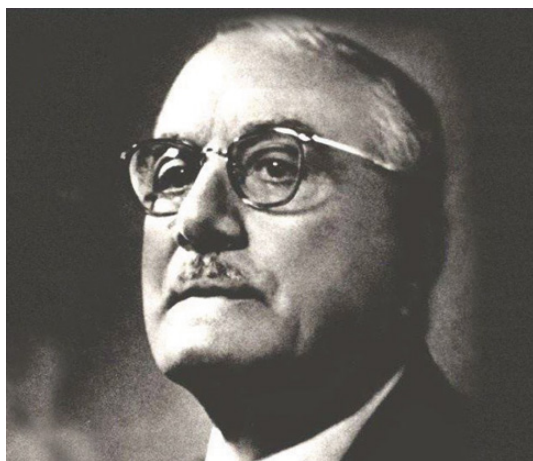


Figura 1

António Sérgio foi um notável filósofo, ensaísta, professor, crítico literário e historiador que marcou a História do Portugal contemporâneo. Promotor do cooperativismo como forma de resolver os problemas económicos e de construir, a partir das bases, uma sociedade socialista. Consciente da necessidade de «reformular as mentalidades dos portugueses», fez diversos apelos nesse sentido aos católicos democráticos e foi muito interventivo na política de oposição à ditadura do Estado Novo.

Foto: Proveniente do Centro de Documentação e Informação da Casa António Sérgio (CDIAS).

9 Costa, F. F. (1978), p. 40.

10 Testemunho de João Sá da Costa em Correia J. A. (1977), p. 266.

11 Correia, J. A. (1931). *A Largueza do Reino de Deus*. Lisboa: Livraria Clássica; esta livro viria a ter mais duas edições em Portugal e uma no Brasil.

Joaquim Alves Correia, missionário da Congregação do Espírito Santo, era uma voz inconformada com o rumo seguido pela Igreja portuguesa. Empenhava-se muito na divulgação do idealismo cristão original e em demonstrar que este pouco ou nada tinha a ver com o catolicismo em vigor. Republicano e democrata convicto, considerava que os princípios vindos da revolução francesa — liberdade, igualdade e fraternidade — eram valores profundamente evangélicos¹². Defendia também que as hierarquias da Igreja se deviam demarcar do regime totalitário de Salazar¹³.

O seu livro *A largueza do Reino de Deus ou de como a intolerância e o despotismo são apenas variações do Anticristo proteiforme*, publicado pela primeira vez em 1931, foi um enorme sucesso de vendas e teve um grande impacto, suscitando grande admiração por parte dos democratas e repúdio por parte dos mais conservadores¹⁴. O livro foi também publicado no Brasil por iniciativa de Lúcio Tomé Feteira, empresário português radicado no Brasil, que considerava o Pe. Alves Correia como um verdadeiro Apóstolo dos Evangelhos, um Apóstolo do bem¹⁵. No prefácio deste livro Alves Correia escreveu:

*”Nós, os cristãos, temos de ser campeões do direito, da consciência alheia e da nossa e do amor ao povo oprimido e espezinhado, não porque é do nosso tempo a Democracia, mas porque era ser hipócrita ter o evangelho por bandeira e acamaradar com os tiranos, com o egoísmo, com o orgulho”*¹⁶.

Com outros católicos que partilhavam as suas preocupações sociais e o seu idealismo democrático, entre os quais estava o seu irmão, frei Manuel Alves Correia, humanista de vasta cultura, tradutor de Homero, Alves Correia fundou o semanário *Era Nova*. Este jornal, cujo primeiro número foi publicado a 30 de janeiro de 1932, apresentava-se como um jornal católico defensor da liberdade e da democracia; pretendia modificar as consciências dos católicos de maneira a edificar uma sociedade democrática em que todos tivessem os seus direitos respeitados. Porém,

12 Lopes, F. (1996), p. 126.

13 Solicitou por carta ao Cardeal Patriarca que este se demarcasse da ditadura de Salazar (*ibid.*, 135).

14 *Ibid.*, p. 122.

15 Testemunho de L.T. Feteira em (Correia J. A., 1977, p. 234).

16 Prefácio de (Correia J. A., 1931).

este periódico teve uma existência muito curta devido às dificuldades criadas pela censura, sendo o último número publicado em 18 de fevereiro de 1933¹⁷. Apesar disso, a *Era Nova* contribuiu para a criação de um núcleo de católicos resistentes, que manteria a persecução dos seus ideais¹⁸.

Alves Correia continuou o seu apostolado através da publicação de livros e artigos em jornais e revistas como a *Seara Nova*. Entre os livros publicados destaca-se *O Cristianismo e a Mensagem Evangélica* (1941), escrito a pedido do Prof. Bento de Jesus Caraça para a Biblioteca Cosmos, no qual abordou, mais uma vez, o tema da fraternidade que lhe era particularmente caro:

*“O próprio Deus-Pai repudiará o fingido amor que afectam por Ele os que vão desprezando os irmãos — os filhos de Deus, que se vêem. Privilégios, nem o Senhor os quer: desprezar qualquer pessoa será desprezar e ofender o próprio Deus”*¹⁹.

Alves Correia era um trabalhador incansável. Para além de ser Procurador das Missões em Lisboa, desenvolvia uma intensa ação pastoral, cívica e social, acompanhando e apoiando orfanatos, colégios, colónias de férias, prisões e bairros pobres²⁰. Os seus escritos e as suas ações fizeram dele *“uma figura simbólica da resistência, bandeira a cuja sombra alinham muitos republicanos e discordantes das limitações políticas impostas por Salazar”*²¹.

No seguimento da recomendação de António Sérgio, Fernando Ferreira da Costa foi encontrar-se com ele:

*“O primeiro encontro com Alves Correia foi tão significativo que não posso desligá-lo da vivência daqueles tempos. Isto implica que a minha visão daquele grande amigo esteja demasiadamente vinculada ao sentimento do que representou a minha própria evolução interior”*²².

A partir daí, Fernando Ferreira da Costa e João Sá da Costa encontraram-se regularmente com Joaquim Alves Correia e começaram a imbuir-se de muitas das suas ideias e, em particular, das responsabilidades que tinham de contribuir para uma sociedade nova e para uma Igreja renovada.

17 Lopes, F.(1996), pp. 122-132.

18 Testemunho de F. Ferreira. da Costa em (*ibid.*, p. 251).

19 Correia, J. A. (1941). *O Cristianismo e a mensagem evangélica*. Lisboa: Biblioteca Cosmos, p. 5.

20 Lopes, F. (1996), pp. 109-121.

21 *Ibid.*, p. 199.

22 Testemunho de F. Ferreira da Costa em (*ibid.*, p. 255).

Desta forma, a partir de 1943 começaram a desenvolver ações de carácter político e social nos meios juvenis que frequentavam. Embora se conheçam pouco as atividades desenvolvidas durante os seus períodos liceais, tudo indica que os dois primos estiveram envolvidos numa candidatura alternativa à associação de estudantes do Liceu Pedro Nunes que viria a vencer as eleições²³.

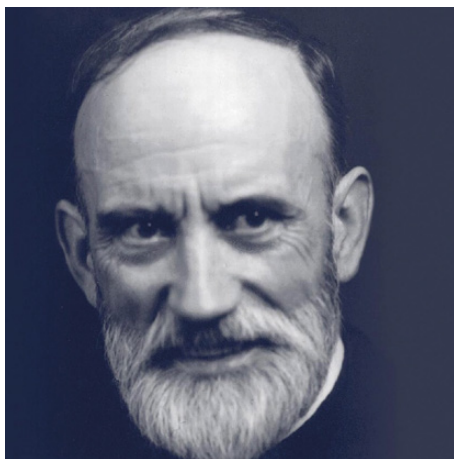


Figura 2

Pe. Joaquim Alves Correia da Congregação do Espírito Santo foi grande divulgador da mensagem evangélica. O seu livro *A Largueza do Reino de Deus* teve um grande sucesso, fazendo com que muitos democratas se revissem nas suas ideias.

Foto: Proveniente da exposição *Os caminhos da liberdade religiosa em Portugal*, promovida pela Assembleia da República em 2024.

23 Na reportagem radiofónica *Vida e Obra do Padre Joaquim Alves Correia II*, realizada por João Coelho em 1982 para a RDP, é referido que uma lista católica, mas da oposição, se candidatou à Associação de Estudantes do Liceu Pedro Nunes: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/biografia-vida-e-obra-do-padre-joaquim-alves-correia-ii/>.

O FIM DA GUERRA E A ESPERANÇA DE UMA NOVA ERA

Com o fim da Segunda Guerra Mundial viveu-se um período de otimismo entre os defensores de um regime democrático. Esperava-se que à queda dos regimes fascistas de Hitler e Mussolini se sucedesse o fim dos regimes totalitários ibéricos. A oposição democrática convergiu no Movimento de Unidade Democrática (MUD) para enfrentar a União Nacional, nas primeiras eleições livres, agendadas para 18 de novembro de 1945.

Na primavera de 1945, João Sá da Costa e Fernando Ferreira da Costa encontraram-se com Mário Soares, que preparava a fundação do MUD Juvenil, ao qual viriam a aderir em representação dos jovens católicos democratas. João Sá da Costa tornou-se membro da Comissão Central desta organização²⁴, ao lado de Mário Soares, Salgado Zenha, Júlio Pomar e Mário Ruivo²⁵. Também Alves Correia e muitos dos cristãos sociais ligados à *Era Nova* estiveram presentes no Centro Republicano Almirante Reis, em 8 de outubro de 1945, e subscreveram a fundação do MUD²⁶.

Mas, como é do conhecimento geral, as eleições não corresponderam às expectativas dos democratas. Perante a inexistência de condições para a realização de eleições livres, a candidatura da oposição, encabeçada pelo general Norton de Matos, desistiu do ato eleitoral. Passado esse período, o regime levou a cabo uma forte perseguição aos subscritores do MUD.

As relações entre as hierarquias políticas e o padre Alves Correia ficaram muito tensas, na sequência do seu apoio público à candidatura da oposição, e ainda pioraram quando publicou no jornal *República* o artigo «O Mal e a Caramunha»²⁷, sobre a investigação à Noite Sangrenta de 19 de outubro de 1921, em que destacadas figuras republicanas tinham sido barbaramente assassinadas.

A 19 de outubro de 1945, em plena campanha para as eleições, a União Nacional tinha lançado sobre Lisboa, a partir de uma avioneta, panfletos a sugerir que os assassinatos perpetrados na Noite Sangrenta tinham sido da responsabilidade dos próprios republicanos. Alves Correia, que conhecia muito bem o caso e os entraves que o regime ditatorial colocava à

24 Costa, J. S. (1997). *Intervenção de João Sá da Costa nas Comemorações do Cinquentenário da fundação do MUD Juvenil*. Ephemera- Biblioteca e Arquivo de José Pacheco Pereira.

25 Costa, J. S. (1998). *Currículo Vitae*. Ephemera- Biblioteca e Arquivo de José Pacheco Pereira.

26 Lopes, F. (1996).

27 Artigo integralmente reproduzido em (*ibid.*, pp. 156-157).

sua investigação, desmentiu veementemente a tese²⁸ e afirmou: “Era muito cómodo, mas muito pouco corajoso, atirar à cara deste povo irrequieto com a responsabilidade da desordem pública, quando o pobre povo nem responder podia”²⁹.

O artigo provocou a ira do poder político que retaliou prontamente, propondo aos responsáveis máximos da Congregação Espiritana, a que Alves Correia pertencia, duas alternativas para o silenciar: o exílio ou a colónia penal do Tarrafal³⁰. A Congregação decidiu então transferi-lo para a Província Espiritana da América do Norte. Quando ele perguntou a sua Eminência o Cardeal Patriarca a razão pela qual lhe impunham o exílio, foi-lhe dito que era considerado um criminoso intelectual, por defender uma certa tese³¹.

Partiu para S. Diego, na Califórnia, no dia 17 de fevereiro de 1946. Esperançoso de um regresso para breve, partiu com apenas um visto turístico de seis meses. No aeroporto compareceram as crianças do orfanato Sta. Isabel, acompanhadas da sua regente, para uma última despedida que, Francisco Lopes, autor da sua biografia, descreveu da seguinte maneira:

*“Às crianças pobres e abandonadas dedicava ele o melhor do seu afeto; delas receberia o último beijo inocente de despedida. Na América nunca as esquecerá: por ocasião das grandes festas do ano, mandar-lhes-á o dinheiro que amealhara para as suas alegrias infantis”*³².

Embora distante, a sua voz continuou a chegar ao nosso país através do jornal *Diário de Notícias* de *New Bedford*, principal órgão de comunicação das comunidades portuguesas da Costa Oeste dos EUA, onde publicou vários artigos, cujo teor descreveu da seguinte maneira:

*“Comparei a justiça social que os portugueses encontraram na América com a ganância dos capitalistas da sua pátria, os quais guardam para si todos os lucros, deixando os trabalhadores morrer à fome”*³³.

28 Embora os executores destes assassinatos fossem conhecidos e alguns deles estivessem detidos, o regime impôs silêncio sobre a investigação aos mandantes. Hoje sabe-se que por trás desta ação terrorista estiveram grupos de monárquicos portugueses e espanhóis, apoiados pela coroa espanhola (*ibid*, pp. 160-161).

29 *Ibid.*, p.157.

30 *Ibid.*, p.167.

31 Testemunho de L. Tomé Feteira em (Correia J. A., 1977, p. 233).

32 Transcrição de (Lopes, 1996, p. 169).

33 *Ibid.*, p.174.

As suas palavras eram de tal forma incômodas que o próprio António de Oliveira Salazar escreveu ao Cardeal Patriarca, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, dizendo:

*“Será que V. Ex.^a ou a Congregação a que pertence o Padre Alves Correia quererão mandá-lo calar ou querem que o Governo da Nação tome as necessárias medidas para isso?”*³⁴.

Alves Correia foi então proibido pela sua congregação de escrever fosse o que fosse, em qualquer língua e em qualquer periódico³⁵.



Figura 3

No dia 8 de julho de 1946, no Centro Republicano José Estevão, foi formalmente constituído o MUD Juvenil, fruto de uma ampla movimentação democrática da juventude, depois da evolução em abril a partir do Movimento Académico de Unidade Democrática (MAUD) e de, em outubro de 1945, ter sido criado o Movimento de Unidade Democrática (MUD).

Fonte: Museu do Aljube Resistência e Liberdade.

34 Excerto da carta enviada por Salazar ao Cardeal Cerejeira em junho de 1946 transcrito em (*ibid*, p. 173).

35 *Ibid.*, p. 174.

GRUPO METANOIA DE CRISTÃOS COMUNITÁRIOS

Em 1945, depois de Fernando Ferreira da Costa e João Sá da Costa terem ambos enveredado pelo curso de Ciências Histórico-Filosóficas, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, formaram, juntamente com outros colegas, entre os quais estava Maria Manuela Lobo da Costa, um grupo de cristãos comunitários, que pretendia viver e promover o ideal da primeira comunidade cristã descrita nos Atos dos Apóstolos³⁶, na pegada dos grandes santos e reformadores³⁷. Consideravam que a Igreja estava envelhecida e demasiado tridentina para os tempos modernos. Pretendiam renová-la por dentro, de maneira a que ela não fosse espalhafatosa e mundana, mas simplesmente cristã, como no princípio³⁸. Criaram regras próprias para a sua comunidade inspiradas nas ordens Franciscanas.

Embora o padre Alves Correia fosse a grande referência espiritual do grupo, os seus membros agiram, inicialmente, de forma independente, contando apenas com as suas críticas e sugestões à distância³⁹. A sua ligação ao grupo assumia, contudo, particular importância, porque, embora o associativismo não fosse proibido, a sua prática era fortemente condicionada e controlada pelo poder, sendo apenas bem tolerado no âmbito das organizações católicas⁴⁰. Desta forma, a presença do padre Alves Correia, para além de contribuir para a orientação espiritual do grupo, legitimava certamente a sua existência no seio da Ação Católica.

Os jovens cristãos comunitários começaram por alugar um baixo num prédio da capital onde reuniram, planearam e implementaram ações de alfabetização e de ajuda a pobres e carenciados da capital⁴¹. Desenvolveram também uma ação missionária, de contacto direto, dirigida aos “*cristãos de todas as Igrejas e em especial aos da Igreja Católica, convidando-os a que mudassem de atitude, abrindo-se à mensagem dos Evangelhos, abandonando toda a espécie de hipocrisias*”⁴².

36 *Bíblia*, pp. 2147-2202.

37 Lopes, F. (1996), p. 142.

38 *Ibid.*, p. 141.

39 Testemunho de F. Ferreira da Costa em (Correia J. A., 1977, p. 231).

40 As associações juvenis eram normalmente enquadradas na Mocidade Portuguesa ou num dos organismos da Ação Católica. Sobre este tema ver Costa, J. B. (2003). *Nós, os vencidos do catolicismo*. Coimbra: Tenacitas.

41 Moraes, L (2024).

42 Costa, J. S. (1997).

Na sequência dos contactos empreendidos, Maria Lúcia de Carvalho Nobre e Maria Luísa Saraiva Pinto dos Santos, também elas alunas do curso de Ciências Histórico-Filosóficas, juntaram-se ao grupo. Lúcia Nobre não conheceu pessoalmente o padre Joaquim Alves Correia, mas os seus escritos, que lhe chegaram pela mão dos seus colegas Fernando Ferreira da Costa e João Sá da Costa, tocaram-lhe profundamente o coração⁴³.

Maria Luísa Saraiva Pinto dos Santos, tal como o seu pai César Augusto Pinto dos Santos, republicano convicto, era pouco dada à religião, mas ficou também ela muito sensibilizada pelo “*contacto com o cristianismo renovado da Metanoia, que apagava os medos do inferno e do pecado e trazia, como O Cristianismo e a Mensagem Evangélica de Joaquim Alves Correia, a figura humaníssima de Cristo que, desde o colégio, julgara só um martirizinho e não o pregador de uma nova doutrina de amor e perdão e de uma nova concepção de Deus, sem inimigos, e pai de misericórdia*”⁴⁴.

Em 1946 o grupo criou as Edições Metanoia, uma editora artesanal destinada a publicar uma coleção intitulada Cadernos Grandes Páginas Cristãs, com textos oriundos da tradição cristã original:

*“uma colecção de pequenos cadernos, muito baratos, de que boa parte era distribuída gratuitamente (imagine quem não é dessa época que muitos deles eram dados a jovens católicos pela mão de jovens democratas, socialistas, anarquistas e comunistas!)”*⁴⁵.

Os livrinhos eram também enviados por correio aos assinantes, colocados em livrarias e distribuídos junto de igrejas católicas e de templos protestantes⁴⁶.

Esta publicação “*era a passagem do contacto directo, do diálogo, para a abertura de uma nova frente: convidar à reflexão pela leitura de textos dos mais representativos da mensagem genuinamente evangélica, e por isso inconformistas perante as vicissitudes humanas por que passaram os cristãos*”⁴⁷. Destinava-se assim a acordar os católicos adormecidos para o conteúdo modelar dos Evangelhos e para as suas exigências no plano social e político. O étimo Metanoia, que viria a ficar associado ao grupo, sintetizava a motivação principal subjacente às suas ações: renovar as mentalidades de acordo com os verdadeiros valores do cristianismo.

43 Testemunho de Lúcia Nobre em (Correia J. A., 1977, p. 241).

44 Dacosta, L. (2005). *Houve um Tempo, Longe - Vila Real de Trás-os-Montes na Obra de Luísa Dacosta*. Porto: ASA, p. 164.

45 Costa J. S. (1997).

46 Lopes, F. (1996), p. 145.

47 Costa J. S. (1997).

Maria Luísa Saraiva Pinto do Santos assumiu a responsabilidade de editora dos Cadernos Metanoia⁴⁸.

O primeiro Caderno Metanoia foi publicado em outubro de 1946 com o texto *Boa Nova* de Giovanni Papini, selecionado e prefaciado por Manuela Lobo da Costa, nota crítica de Fernando Ferreira da Costa⁴⁹. O padre Joaquim Alves Correia recebeu na América o caderno com grande satisfação. De acordo com Ferreira da Costa “*foi como se tivéssemos ocorrido à América a abraçá-lo*”⁵⁰. O grupo Metanoia tornou-se então para o padre Joaquim Alves Correia no espaço de convivência indispensável à sobrevivência numa sociedade que a recusava:

*“o exílio convertera-o definitivamente à comunidade. Desejava viver connosco, partilhar o pão e a vida. Tínhamos mais um irmão, mais um comunitário, embora emigrado. As suas cartas transpareciam um calor afectivo e familiar”*⁵¹.

No início de 1947 foi publicado um segundo Caderno com a *Mensagem de S. Francisco – textos do século XII e XIII* e, pouco depois, um terceiro dedicado a *Frei Bartolomeu dos Mártires no Concílio de Trento*. Sendo este último muito do agrado de Alves Correia, que o demonstrou por carta:

*“O caderno Frei Bartolomeu é um dos melhores, o que quer dizer que é excelente. Para arrebatat odres velhos, não há como bulir outra vez nestas almas que aceitaram e desencadearam o fermento e o vinho novo do Evangelho, o Espírito Santo, o do Filho de Deus e Irmão dos homens”*⁵².

Faziam também parte do grupo Metanoia: Gonçalo Melo Breyner que teve a responsabilidade das ilustrações incluídas nas publicações, Teresa Almeida D’Eça, Rudolph Knapic (filho), Antonieta Valeriana e Salgado Rodrigues. Os jovens universitários contavam ainda com a colaboração de alguns católicos, anteriormente ligados à *Era Nova*, como Berta Maia, viúva de Carlos da Maia, um dos republicanos assassinados na Noite Sangrenta de 19 de outubro de 1921, Lúcia Maracoto, regente do Orfanato de Sta. Isabel, do qual Alves Correia fora Diretor

48 Lopes, F. (1996), p. 145.

49 Papini, G. (1946). *Boa Nova*. Lisboa: Metanoia.

50 Testemunho de F. Ferreira da Costa em (Correia J. A., 1977, p. 231).

51 *Ibid.*

52 Carta de Alves Correia enviada a Manuela Lobo da Costa em 05-05-1047, transcrita em (Correia J. A., 1977, p. 246).

Espiritual e Capelão e que continuava a ajudar financeiramente a partir da América, através de peditórios na imprensa, e Luísa Sérgio de Sousa, esposa de António Sérgio.⁵³

A publicação dos cadernos Metanoia contou com muitas dificuldades financeiras. O Grupo organizou algumas iniciativas culturais com o objetivo de angariar fundos, como a *Tarde de Arte* que decorreu no Liceu Pedro Nunes, no dia 17 de dezembro de 1948, em que foram projetados documentários e filmes sobre os compositores clássicos Mozart, Beethoven e Bach⁵⁴. Porém, estas iniciativas, certamente organizadas em conjunto com a associação de estudantes daquele estabelecimento de ensino, não eram suficientes para as necessidades do projeto e, algumas vezes, Fernando Ferreira da Costa teve de empenhar bens pessoais para pagar as faturas. Outras vezes, terá valido a generosidade de Lúcia Carvalho Nobre⁵⁵.

53 Lopes, F. (1996), p. 145.

54 Evento anunciado na última página de Correia, J. A. (1948). *O Ideal Cristão*. Lisboa: Metanoia.

55 Testemunho de F. Ferreira da Costa em (Lopes, 1996, p. 145).

DE LISBOA À CAMPEÃ, NA SERRA DO MARÃO

Maria Luísa Saraiva Pinto dos Santos, contrariamente à grande generalidade dos seus colegas de curso, não era natural da capital, mas sim de Vila Real; filha de Maria da Luz Saraiva Pinto dos Santos, professora do ensino primário, e de César Augusto Pinto dos Santos, funcionário do Banco de Portugal e comandante do corpo de Bombeiros Voluntários de Vila Real – Cruz Verde, entre 1945 e 1970. Por ser da província e por não dispor dos mesmos recursos económicos que a maior parte dos seus colegas de curso, alguns deles, mais elitistas, apelidavam-na de «a provinte»⁵⁶.

Maria Luísa alimentava também muitas dúvidas no plano da fé e não aderiu inteiramente à Igreja Católica. Considerava-se, por isso, a «samaritana» do grupo de cristãos comunitários. Terá sido também esta a razão pela qual assumiu a responsabilidade de editora dos cadernos Metanoia⁵⁷.

Por sua vez, Fernando Ferreira da Costa era profundamente crente. Tinha frequentado o seminário e equacionou mesmo seguir o caminho do sacerdócio. Foi dissuadido pelo próprio padre Joaquim Alves Correia, que o aconselhou a não o fazer, caso pretendesse dedicar-se à transformação da vida social e política do país, pois a vida religiosa não o deixaria exprimir livremente as suas ideias⁵⁸:

*“Ser padre prende muito as engrenagens que tolhem o necessário apostolado livre. Hoje, na Península Ibérica, dificilmente se pode dissociar clérigo e franco-salazarista”*⁵⁹.

Fernando e Maria Luísa casaram em agosto de 1947. O casamento terá sido decidido entre o início do ano e a Páscoa de 1947. A mãe ter-lhe-ia perguntado, pelo Natal, quando é que ela tencionava casar-se, ao que ela terá respondido que não fazia ideia. Mas, aquando do seu regresso a Vila Real, pela Páscoa, anunciou a sua intenção de contrair matrimónio. Fernando Ferreira da Costa, que tinha perdido os pais quando tinha apenas 12 anos⁶⁰, vivia com o seu irmão mais velho, João Cesário de Macedo Ferreira da Costa, e com a sua cunhada. Mas esse convívio seria, por vezes, difícil⁶¹.

56 Moraes, L. (2024).

57 Lopes, F. (1996), p. 145.

58 *Ibid.*, p. 143.

59 Carta de J. Alves Correia enviada a F. Ferreira da Costa, em 5-10-1946, transcrita em (*ibid.*, p. 149).

60 Testemunho de Cristina Ferreira da Costa recolhido pelo autor em setembro de 2024.

61 Moraes, L (2024).

Casaram na Sé de Vila Real no dia 14 de agosto de 1947 sem a presença de qualquer membro da família de Fernando Ferreira da Costa, que desaprovava a união. Estiveram presentes apenas os parentes mais próximos da família da noiva: os pais, o irmão António, o avô materno Luís Abílio Saraiva e a tia paterna D. Mercedes, que foram os padrinhos de casamento. Depois da cerimónia, foi servido um pequeno lanche na Confeitaria Rosas. A noite de núpcias foi passada na Pousada de São Gonçalo, também conhecida por Pousada do Marão⁶². Após o matrimónio, Maria Luísa adicionou o nome de família do marido ao seu, passando a assinar como Maria Luísa Ferreira da Costa.

Em outubro de 1947 o jovem casal regressou a Lisboa para a continuação dos seus estudos. Maria Luísa iniciou, então, uma intensa correspondência com o padre Joaquim Alves Correia, que lhe confiou alguns dos seus textos para publicação nos cadernos Metanoia:

*“Contigo, eu partilhava Tolstoi e Tagore e tu mandavas-me a tua palavra, de que me fiz editora, já que a Igreja não estava nela interessada e a achava inoportuna!”*⁶³.

As Edições Metanoia publicaram os seguintes textos do padre Joaquim Alves Correia: *O Espírito que nos move* (Caderno 4), *O Ideal Cristão* (Cadernos 8 e 9) e *Consciência Cristã* (Cadernos 19 e 20). O primeiro opúsculo é constituído por excertos das obras de Alves Correia, selecionados por Maria Manuela Lobo da Costa, os outros dois foram especificamente preparados pelo autor para integrar os Cadernos Metanoia⁶⁴.

Depois da partida de Alves Correia para o exílio, o grupo voltara-se também para o seu irmão, frei Manuel Alves Correia, que se mostrou em completa sintonia⁶⁵. Mas, infelizmente, a colaboração foi breve devido ao seu falecimento, passado pouco tempo, no dia 23 de novembro de 1948. As Edições Metanoia publicaram, postumamente, uma recolha de textos seus no Caderno 10 — *A Senhora Pobreza* e no Caderno duplo 22-23 — *Espírito de São Francisco*. Dedicaram-lhe também um boletim especial, no início do ano de 1949, com as participações do Pe. Joaquim Alves Correia, do Pe. Joaquim Capela, Aquilino Ribeiro, Prof. Joaquim de Carvalho, Eng.º Cunha Leal, Dr. Reis Machado e António Sérgio⁶⁶.

A partir de 1948, em consequência de um pequeno problema de saúde, possivelmente devido a uma primeira gravidez mal sucedida, Maria Luísa Ferreira da Costa teve necessidade de passar

62 *Ibid.*

63 Testemunho de Maria Luísa Ferreira da Costa em (Correia J. A., 1977, p. 237).

64 Lopes, (1996), p. 242.

65 Lopes, (1996), p. 146.

66 Metanoia. (1949). *Boletim Especial Dedicado ao Padre Manuel Alves Correia*. Lisboa: Metanoia.

mais tempo em casa dos seus pais em Vila Real e, durante o verão, para fugir às elevadas temperaturas da cidade, o jovem casal ia a ares para a Campeã, uma freguesia localizada na encosta oriental da serra do Marão⁶⁷.

A verdejante veiga da Campeã exerceu desde logo uma forte atração e inspiração sobre Maria Luísa Ferreira da Costa, que viria a adotar Luísa Dacosta como nome literário:

*“aquele vale verde — verde, verde — de campinhos de milho — que os castanheiros aconchegavam e tanto tinha amado com aquelas casas de outrora, de telhados de xisto, a brilhar como escamas de peixe, naquele mar vegetal, quando a névoa começava a esgarçar-se”*⁶⁸.

Inicialmente, o casal instalou-se numa casa arrendada a Serafim Martins da Silva, irmão de D. Felisbela que, tal como a mãe de Luísa Dacosta, era professora primária. Uma casa situada junto ao lugar do Souto da Igreja, nas proximidades de Vila Nova da Campeã, que não foi muito do agrado da escritora:

*“Tudo tem estado dourado. Mas hoje o céu está pesado de angústia e chove. Não posso sair do quarto, desta horrível casa, pintada de um verde sujo, de paredes rachadas, cheias de pregos que sustentavam toda uma corte celestial e agora que ela foi alugada me olham, estupidamente, cegos, absurdos e sem sentido. Em relação às outras casas da aldeia, todas de chapéu de abas largas de lousa preta, é de fazer chorar. Medonha, rígida, de granito lavado. O telhado sem beiral dá-lhe um ar aparvalhado de criança a quem, por maldade, tivessem cortado a franja”*⁶⁹.

Passaram nesta casa os verões de 1948 e de 1949, antes de se mudarem para a vizinha Malhada. Um lugar que fica um pouco à margem das povoações de Vila Nova e Vendas da Campeã, numa encosta soalheira, protegida dos ventos de Norte. Era então constituído maioritariamente por área de pinhal, souto e bouça, com pequenas parcelas de cultivo junto das quais moravam, numa modesta casa de xisto e ardósia, Joaquim Martins Morais e a sua esposa, Maria da Conceição Teixeira, com os seus dez filhos.

As condições de vida nesta região de montanha, de propriedade muito retalhada, eram rudes

67 Morais, L. (2024).

68 Dacosta, L. (2005). *Houve um Tempo, Longe - Vila Real de Trás-os-Montes na Obra de Luísa Dacosta*. Porto: ASA, p. 166.

69 Dacosta, L. (1992). *Na Água do Tempo - Diário*. Lisboa: Quimera, p. 20.

para a grande maioria dos seus habitantes. O granjeio das pequenas leiras não era suficiente para suprir as necessidades das famílias numerosas. Os seus membros viam-se obrigados, desde tenra idade, a ir ganhar o dia nas grandes casas rurais da região. O trabalho era fisicamente muito exigente, essencialmente braçal, por vezes auxiliado, no caso dos lavradores mais abastados, pela força de tração do gado maronês. A falta de recursos levava-os, por vezes, a arriscar contrair empréstimos a taxas elevadas e, assim, a hipotecar os seus bens ou os futuros ganhos, resultantes da criação de gado ou da produção agrícola; o que alimentava um círculo vicioso que conduzia, inevitavelmente, à acumulação de património por parte dos proprietários mais abastados da região.

Luísa Dacosta, impressionada pelas duras condições de vida na Campeã, escreveu, em 1948, no seu diário:

“A aldeia parece abandonada. Nas estrumeiras chafurdam porcos. Um grupo de crianças, imundas, de fraldas arregaçadas, patinha num rego: pernas arqueadas com o peso das barrigas inchadas a pão e caldo. Os homens estão nos lameiros, presos ao jugo da terra. As suas vozes sobem vindas do vale, juntamente com as cantigas das mulheres – confiança de S. Miguel farto, que lhes fez pedir dinheiro a 10% e cingir os rins numa magreza de fome. (...) Às janelas, em bacios e potes ferrugentos, o manjerico, verde e cheiroso, que as raparigas ostentam nas estrigas – companheiro efêmero duma beleza efêmera, apagada pelo casamento e pelos filhos”⁷⁰.

Fernando Ferreira da Costa sentiu vontade de ajudar estas pessoas através da implementação de algumas ideias associativistas e cooperativistas, que contrariassem as vicissitudes do sistema político-económico-productivo. Era então comum que alguns agricultores tivessem uma grande capacidade de mão de obra, mas não possuissem terras para grangear; que outros tivessem terras, mas não tivessem meios para as trabalhar; que alguns possuissem gado, mas não tivessem penso para os alimentar, sendo obrigados a comprar; que outros tivessem penso, mas não tivessem gado, vendendo-o aos que não tinham. São alguns exemplos em que a implementação de um sistema de produção agrícola cooperativo podia colmatar as insuficiências individuais, através das complementaridades do coletivo.

Por outro lado, a longa cadeia de negociantes intermediários, existentes entre o produtor e o consumidor, obrigava os agricultores a venderem os excedentes das suas produções a preços extremamente baixos, limitando muito a possibilidade de superarem as suas dificuldades. Este problema poderia também ser solucionado se eles se associassem, de maneira a terem uma maior capacidade negocial ou a venderem diretamente os seus produtos nos grandes centros de consumo.

70 *Ibid.*, p. 27.

A fervorosa religiosidade e a subsistência de um comunitarismo residual⁷¹, vindo de tempos longínquos, pode também ter contribuído para que Ferreira da Costa acreditasse que as pessoas da Campeã possuíam o espírito necessário à criação de uma cooperativa comunitária⁷², que ele viria a ensaiar com o propósito de melhorar as condições de vida de algumas famílias, tal como ele escreveu, mais tarde, numa carta enviada a Joaquim Morais:

*“Agradeço que o Sr. Joaquim reconheça que sou seu amigo e que tenho feito tudo o que tenho podido para melhorar a sua situação e dos seus. Pode crer que a minha vontade é que todos vós possam estar melhor. Meti-me neste negócio com a ideia de vos ajudar e dar sempre trabalho”*⁷³.

71 Para além da vezeira e do sistema de regadio coletivo, existia também uma grande entreajuda nas vessadas, sachadas, desfolhadas, estrigadas, vindimas, entre outras atividades agrícolas.

72 A designação *cooperativa comunitária* foi utilizada por F. Ferreira da Costa na nota 23 de (Sérgio, *Sobre o Sistema Cooperativista*, 1984, p. 224), onde escreveu: *“Trata-se de um grupo de cristãos comunitários editores das publicações «Metanoia», que depois de uma gorada tentativa de cooperativa comunitária na Campeã, Trás-os-Montes”*.

73 Costa, F.F., (23 de abril de 1953). Carta a Joaquim Morais.

CADERNOS GRANDES PÁGINAS CRISTÃS

JOAQUIM ALVES CORREIA

O IDEAL CRISTÃO



EDIÇÕES METANOIA — LISBOA

TARDE DE ARTE

PROMOVIDA PELAS EDIÇÕES METANOIA NO SEU SEGUNDO ANO DE PUBLICAÇÕES, NO LICEU DE PEDRO NUNES, 11 DE DEZEMBRO, ÀS 17 H.

Documentários: — Johann Sebastian Bach
Ludwig van Beethoven

Filme principal: — MOZART, música stereo.

NOTA — A venda de programas reverte a favor das Edições Metanoia.
(Pedidos e informações, Av. Duque de Loulé, 90-4.º Esq.).

CADERNOS GRANDES PÁGINAS CRISTÃS

Este caderno por ser duplo constitui os números 8 e 9 da 2.ª série que fica assim completa.

Os cadernos da próxima série são:

PADRE MANUEL ALVES CORREIA — A senhora pobreza.

SÃO BERNARDO — Servir e Dominar.

PADRE DESIDÉRIO ERASMO — Renovação.

IRMÃOS DE VIDA COMUM — Quem diz que está nele deve andar como ele andou.

Foram já publicados 9 cadernos:

1 — BOA-NOVA — *Papini* (esgotado).

2 — MENSAGEM DE S. FRANCISCO — Textos dos sec. XIII e XIV.

3 — FREI BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES NO CONCÍLIO DE TRENTO —
Frei Luís de Sousa (esgotado).

4 — O ESPÍRITO QUE NOS MOVE — *P. Joaquim Alves Correia*.

5 — BOA-NOVA — *Papini* (2.ª edição — esgotado).

6 — CONVERSA NO MONTE — *S. Mateus*.

7 — AMOR E LIBERDADE DE CONSCIÊNCIA — *S. João*.

8 e 9 — O IDEAL CRISTÃO — *P. J. Alves Correia*.

Devido ao aumento das taxas dos correios, (toda a cobrança e envio é feito por esse meio), vimos-nos obrigados a modificar o custo dos cadernos;
4 cadernos 8\$50, um caderno 2\$50

ED. METANOIA, AV. DUQUE DE LOULÉ, 90-4.º ESQ.

Composto e Impresso nas Ofic. Gráf. Augusto Costa & C.ª, Lim.ª — BRAGA

O que me parece belo, e verdadeiramente novo nos artigos que se seguem é a transformação da cruz «símbolo de agonia em cadeia de amor.

De tal modo Cristo pretendeu solidarizar-se com o humano, que embora como Deus pudesse carregar sózinho o peso da cruz, preferiu reparti-lo com os homens seus irmãos. Não quis obrigá-los — o que aconteceria se não tivéssemos essa participação — a ficar imediatamente salvos pela sua morte, se nós não o quizessemos. Essa é a solidariedade de Cristo para com os homens, não violentar consciências, ainda que essa violência seja salvação, e esperar pacientemente como pai, que os seus filhos evoluam, e a salvação seja de todos, através da consciência de cada um.

A nossa solidariedade para com Cristo é segui-lo tomando também a cruz, que é apenas peso de amor consciente. Amor que nos leva a considerarmo-nos irmãos, não só dos da mesma seita ou partido, mas de todos. Amor, não àqueles que estão longe e nunca vemos, o que seria comodidade, mas ao próximo, aos que nos magoam e custam a suportar.

O peso da cruz é esse: não excluir ninguém. Se Cristo não faz descer fogo do céu sobre os chamados maus, quem somos nós para lhe recusarmos o nosso amor? Qual de nós é tão perfeito, que possa arvorar-se em juiz e separar o trigo do joio antes da colheita?

MARIA LUIZA FERREIRA DA COSTA

90 Duquesne University, Pittsburg, Pa.

31-VII-48

Carlalima Luaiinha

Começo por responder à questão da publicação ou edição da «Largueza» e outros quaisquer escritos meus. É evidente que, se os publiquei, foi porque os julgava úteis. Não foi por vaidade — pois que não havia neles novidade que me tornasse nenhum celebre inventor — nem por ambição de lucros. Portanto, esgotada a edição, só podia regosijar-me o facto de os ver reeditar. Se aqueles que fizeram a última edição não interessava renová-la, e se o fizerem outros, não serei eu que os irei repreender, nem pedir-lhes indemnizações.

O mesmo direi de artigos meus, velhos ou novos — entendendo por novos os «sermões» que às vezes «prego» aos leitores da Imprensa Portuguesa destas Américas. Quem os quiser reeditar não precisa da minha licença. Basta que se submeta a lei da terra onde os publica, ou que vá para a cadeia se infringir essa lei e delatar à rua coisas subversivas. Repare que mais subversivos do que as reclamações reacccionárias do actual Comunismo, poderão ser, em parecer, às vezes, as terríveis reivindicações cristãs.

Não estou em condições, aqui tão longe, de me arvorar em vosso director espiritual ou líder político. Tenho que vos supor maiores e vacinados. O único esclarecimento em que insisto é que, quando achar perigoso qualquer dito ou escrito meu e achar que não o devo deixar circular, virei retratá-lo em público.

Muito amigo e muito obed.

J. Alves Correia

NOTA — Esta carta, que publico, foi-me enviada pelo Padre Joaquim Alves Correia em resposta a uma pergunta minha sobre a publicação de trabalhos seus.

Figura 4

Capa, última página e páginas 2 e 3 do caderno duplo 8 e 9, com textos do Pe. Joaquim Alves Correia. A página 2 contém a introdução de Maria Luíza Ferreira da Costa e a página 3 reproduz uma carta de Alves Correia, enviada em julho de 1948, autorizando a publicação dos seus textos pelas edições Metanoia.

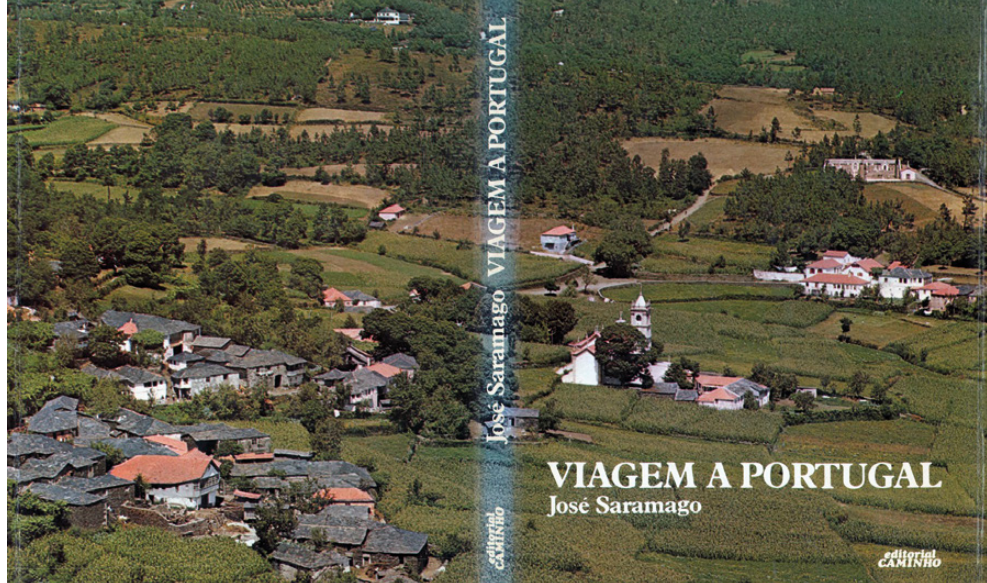


Figura 5

Sobrecapa da primeira edição de *Viagem a Portugal* de José Saramago, publicada em 1981. Pode observar-se as povoações de Vila Nova, à esquerda, e de Vendas de Cima, à direita, e, entre as duas, a Igreja paroquial de Santo André da Campeã. O lugar da Malhada situa-se do lado esquerdo, acima de Vila Nova.

Foto de Asta e Luís Almeida d'Eça para Saramago, J. (1981). *Viagem a Portugal*. Lisboa: Caminho.

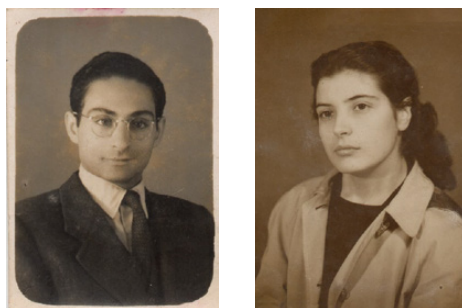


Figura 6

Fernando de Macedo Ferreira da Costa casou com Maria Luísa Saraiva Pinto dos Santos (Luísa Dacosta) em agosto de 1947 na Sé de Vila Real. Desde então, o jovem casal habituou-se a passar os verões na Campeã, uma sub-região do Marão oriental, e aí fez amizade com a família de Joaquim Morais. Com eles e com alguns vizinhos e amigos, criaram uma pequena cooperativa, inspirada em ideias evangélicas e cooperativistas.

Fotos gentilmente cedidas por Lurdes Morais

O REFÚGIO EM VILA REAL

A partir de 1947, o governo levava a cabo sucessivas ações com vista à aniquilação dos vários movimentos oposicionistas: prisão dos principais dirigentes do MUD e do MUD Juvenil, expulsão de professores universitários por delito de opinião e interdição das manifestações estudantis. Estes eventos criaram uma grande pressão sobre os jovens cristãos comunitários e condicionaram muito as suas ações em Lisboa.

Também no plano religioso, o movimento de renovação cristã foi objeto de repreensão por parte da cúpula da Ação Católica Portuguesa, como testemunha uma carta de Alves Correia enviada a João Sá da Costa, em maio de 1947:

*“Ao João felicito agora pela dita que teve de sofrer afronta e contusão por Cristo, pois as sofreu por defender direitos de irmãos. Que Nosso Grande Pai vos abençoe a todos. O Lugar que escolheram na seara do Pai não foi um posto oficial nos quadros da Ação Católica; foi o de levedadores da massa, para que o espírito do Evangelho, da sua fé, do seu ideal, a fecundem e dinamizem”*⁷⁴.

Em 1949, Fernando Ferreira da Costa recusou cumprir o serviço militar obrigatório por ser um pacifista convicto, em virtude de considerar o cristianismo uma religião de paz. No Caderno 14, *Textos do séc. III - Os primeiros cristãos e o império*⁷⁵, Ferreira da Costa abordou o tema da objeção de consciência nas primeiras comunidades cristãs, onde esta prática era comum, apesar da desobediência ao poder imperial ser paga com a própria vida. A sua decisão contou com o apoio de António Sérgio, que aprovara a sua atitude pacifista⁷⁶. Fernando Ferreira da Costa *“foi o primeiro objetor de consciência em Portugal por recusa ao serviço militar, o que lhe valeu a prisão e agressões várias. Acabou por ser recusado pela instituição militar por «não ter características de raça branca»*⁷⁷.

Apesar dos Cadernos Metanoia terem uma difusão reduzida, eles incomodavam visivelmente o regime de Salazar. Na sua qualidade de editora, Luísa Dacosta foi chamada, por diversas

74 Correia J. A. (1977), p. 247.

75 Costa, F. F. (1949). *Textos do séc. III - Os Primeiros Cristãos e o Império*. Lisboa: Metanoia.

76 Costa, F. F. (1962). António Sérgio e as Origens do Boletim. *Boletim Cooperativista* (100), p.1.

77 Nota biográfica de F. Ferreira da Costa em (Macedo, F., 2000. *Teatro do Imaginário Angolar de S. Tomé e Príncipe*. Coimbra: Cena Lusófona).

vezes, à presença do Coronel Larcher da Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE), para explicações⁷⁸. A censura foi-os deixando passar, numa atitude de aparente tolerância, até que, em 1949, o Caderno duplo, 15 e 16, *Crença na renovação da terra*, correspondente ao segundo capítulo da obra *Utopia*, de Thomas More, foi retirado, compulsivamente, pela Polícia de todas as livrarias onde se encontrava à venda⁷⁹. Não se conhecem as causas exatas que motivaram esta estranha apreensão. Porém, estas poderão estar relacionadas com as tomadas de posição pacifistas de Fernando Ferreira da Costa, autor do prefácio.

Devido a todos estes constrangimentos e à gravidez de Maria Luísa, a partir do verão de 1949, o casal Ferreira da Costa decidiu fixar a sua residência em Vila Real, no n.º 28 da Rua Cândido dos Reis. Os pais de Luísa Dacosta possuíam uma casa muito espaçosa, com várias assoalhadas, onde hospedavam, regularmente, estudantes liceais por 500 escudos mensais. Contudo, à filha e ao genro cobraram 600 escudos mensais a cada um⁸⁰.

O casal enfrentou então algumas dificuldades económicas. Fernando Ferreira da Costa tinha beneficiado de um rendimento mensal que cessou com o seu casamento, de acordo com as disposições testamentais dos seus pais. Também não se podia candidatar a um lugar no ensino ou na administração pública, por não ter ainda terminado o seu curso superior e, possivelmente, também por lhe terem sido retirados alguns dos seus direitos cívicos. Durante esse ano, ele foi diversas vezes a Lisboa para fazer os exames finais do curso⁸¹, que viria a concluir no ano seguinte com a apresentação da tese de licenciatura intitulada *Topia e utopia: bosquejo para um ensaio*⁸².

Fernando Ferreira da Costa deu então algumas aulas avulsas no Colégio de Nossa Sra. da Boavista e explicações a estudantes do Liceu Nacional de Vila Real. Cobrava 40 escudos por sessão, mas a maior parte deles ficava a dever e acabava por não pagar⁸³. A situação fez com que ele se empenhasse ainda mais no projeto da cooperativa comunitária, na Campeã. Um projeto que exigia investimento e tempo antes de começar a ser rentável. Por isso recorreu, entre outros, a empréstimos de bancos e do seu irmão mais velho, João Cesário, que administrava os negócios herdados dos pais, ligados ao comércio de madeiras.

78 Lopes, F. (1996), p. 145.

79 *Ibid.*

80 Morais, L (2024).

81 *Id.*

82 Costa, F. F. (1950). *Topia e utopia: bosquejo para um ensaio*. Tese de licenciatura em Ciências Históricas e Filosóficas. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

83 Morais, L (2024).



Figura 7

A partir do verão de 1949, devido à gravidez de Maria Luísa e às pressões políticas e religiosas a que Fernando estava sujeito na capital, o casal Ferreira da Costa fixou a sua residência no n.º 28 da Rua Cândido dos Reis, em Vial Real. Enfrentaram então algumas dificuldades financeiras que Fernando Ferreira da Costa tentou ultrapassar dando explicações, aulas avulsas e, sobretudo, dedicando-se ao trabalho agrícola no seio da pequena cooperativa comunitária da Campeã, vocacionada para a produção de batata e criação de gado. Em simultâneo, com a sua esposa, desenvolveram importantes ações de alfabetização junto de crianças e adultos da região da Campeã. Na fotografia de cima, a Toca do Rodrigo, um castanheiro centenário à sombra do qual o casal ensinava as crianças nos períodos de verão.

Fotos gentilmente cedidas por Cristina Ferreira da Costa.

UMA COOPERATIVA COMUNITÁRIA NA CAMPEÃ

Lurdes Morais nasceu a 12 de abril de 1929 e é a mais velha dos dez filhos de Joaquim Morais. Não se pôde dar ao luxo de ir à escola, pois tinha de ajudar a família. Desde os seis anos, guardava um rebanho de cabras e ovelhas e trabalhava nas tarefas do campo e da casa. Por vezes, ao serão pegava num livro ou num caderno dos seus irmãos, mas a sua mãe logo lhe dizia que havia muitas coisas para coser e remendar⁸⁴.

A partir de outubro de 1949, Lurdes Morais foi viver para casa de Maria da Luz Pinto Saraiva, para ajudar Luísa Dacosta e a sua bebé Teresa, a primeira das quatro filhas do casal, que viria a nascer em novembro desse ano. Durante esse período, recebeu lições diárias que ela assentava nos seus cadernos. Com estas lições, o casal Ferreira da Costa pretendia prepará-la para o exame da terceira classe, de maneira a que ela pudesse dar continuidade aos seus estudos⁸⁵.

Lurdes Morais preencheu quatro cadernos. Três deles contêm lições dadas entre outubro de 1949 e janeiro de 1950. O quarto caderno, terminado em março de 1950, é um pequeno manual, muito ilustrado com desenhos pintados a lápis de cor, sobre a importância do espírito cooperativo, as realizações e os projetos para o futuro da pequena comunidade.

O quarto caderno e a carta enviada por Fernando Ferreira da Costa a Joaquim Morais, datada de 23-04-1953, constituem as principais fontes documentais sobre a cooperativa comunitária da Campeã, permitindo levantar um pouco o véu sobre o seu funcionamento e a sua constituição⁸⁶.

O projeto cooperativo iniciou-se em 1948, em parceria com Joaquim Morais, que disponibilizou as suas propriedades agrícolas e florestais, às quais se juntaram aquelas que foram compradas ou arrendadas pelo casal Ferreira da Costa. O conjunto destas terras, quase todas situadas na Malhada ou na sua vizinhança, foi designado por Quinta da Malhada.

“Temos ainda muito que trabalhar na nossa quinta para termos pão que chegue. Já temos trabalhado muito a saibrar terras de novo. Começamos a trabalhar juntos em Setembro de 1948 e já muito temos feito. Somos amigos, confiamos uns nos outros. Resolvemos os casos como amigos e tudo se faz bem e sem zangar”⁸⁷.

84 Morais, L. (2024).

85 Informação mencionada por diversas vezes nos cadernos de Lurdes Morais.

86 Estes dois documentos são reproduzidos em apêndice deste estudo.

87 Morais, L. (1950). Quarto caderno com as lições dadas por Luísa Dacosta e F. Ferreira da Costa, p. 19.

A moradia familiar de Joaquim Morais foi restaurada e ampliada, de maneira a poder alojar os membros do grupo Metanoia. Foi projetada a construção de um armazém, para guardar os produtos comprados ao junto, e de outras infraestruturas necessárias ao coletivo:

“A névoa é brava e são precisos trabalhos para nos abrigar da chuva e da neve. Por isso arranhamos a primeira casa, fizemos de novo a segunda e vamos começar neste mês de Março de 1950, a terceira. A pouco e pouco vamos crescendo. Precisamos de uma eira, de um canastro, de um armazém, de uma escola. Assim como os Apóstolos e nos conventos, seremos bons irmãos e viveremos juntos.”⁸⁸

A cooperativa comunitária alargou-se progressivamente a outros participantes. Algumas dessas pessoas eram o Tão, a viúva, o Genor e a D. Felisbela⁸⁹.

O [José] Tão, por ser uma pessoa com estudos, assegurava todo o trabalho de escritório, desde a contabilidade à tesouraria, tendo também a responsabilidade de angariar novos contratos:

“Assim parece-me que não tem que levar a mal que eu tenha encarregado o Tão do serviço de escritório, pois trabalhar no escritório também é trabalhar. (...) Compreende que quando isto se tornar maior é preciso uma pessoa que tenha estudos para ir aos bancos e fazer todas essas coisas que são sempre precisas. Portanto o que o Tão faz também é preciso”⁹⁰.

O Joaquim Morais conduzia e executava os trabalhos com os seus filhos:

“Mas dou-lhe razão quando diz que não pode andar a trabalhar todos os dias sem receber o seu salário, e ficar arriscado a perder tudo se as coisas não correrem bem. Porque na verdade há ganhar e perder, e se perdermos o seu trabalho lá fica. Portanto acho bem que fique a ganhar por dia 20\$00 para dirigir os trabalhos com os rapazes e informar o Tão de tudo o que se passa. (...) Além disso, no fim de cada contrato, vendo nós que toma em cuidado e que lutou para não haver prejuízo, eu dar-lhe-ei à parte uma recompensa conforme vir que posso”⁹¹.

88 *Ibid.*, p. 27.

89 Costa, F. F (23 de abril de 1953).

90 *Id.*

91 *Id.*

Com o Genor [Agenor Almeida] havia uma parceria que envolvia a criação de gado:

“Quanto ao gado, fiquei contente de saber que uma já tinha parido, e que uma do Genor estava prenha. Por ora o dinheiro não faz grande falta, mas logo que subir os preços, já sabemos que temos de vender gado porque não me convém ter tanto dinheiro empatado nisso, quando precisamos dele para outras coisas”⁹².

De acordo com Lurdes Morais, a viúva [do Pereiro, Beatriz Ribeiro] apoiou financeiramente a compra de gado e a exploração de uma pequena concessão mineira de estanho e volfrâmio próxima da povoação de Vila Cova. Sobre o tipo de envolvimento de Felisbela Martins da Silva, a carta alude apenas a um pedido de dinheiro da sua parte, o que poderá ter a ver com a integração das suas terras no projeto cooperativo.

A carta permite-nos também perceber que a criação de gado era uma das principais atividades da comunidade cooperativista. Fernando Ferreira da Costa comprou gado bovino para auxiliar nos trabalhos agrícolas e para ser criado pelos diferentes parceiros, sendo as mais-valias, realizadas com a sua posterior venda, distribuídas entre eles ou investidas em novos negócios. No quarto caderno de Lurdes Morais há também uma referência ao gado da Quinta da Malhada:

“Sem gado não podemos viver. Dão-nos o estrume e ajudam-nos o granjeio. Temos: A – Uma égua que nos leva pela serra. B – Um rebanho de cabras e ovelhas, mais de trinta. C – Um reco vivo e outro já em enchidos. D – Dois grandes bois.”⁹³

Tal como refere a carta, Joaquim Morais e seus filhos constituíam a principal força de trabalho da pequena cooperativa agrícola. Eram responsáveis pela expansão da área cultivável na Malhada, através de saibramentos, e pelo granjeio das terras afetas ao projeto. As culturas foram muito orientadas para a produção de batata, possivelmente destinada a um armazém abastecedor dos mercados do Porto, pois eram escoadas por comboio, através das linhas do Corgo e do Douro⁹⁴. De acordo com Lurdes Morais, houve um ano em que um vagão inteiro foi devolvido sob o pretexto de que não tinham calibre suficiente. Ferreira da Costa ofereceu a carga rejeitada à cantina social do padre Henrique Maria dos Santos, em Vila Real⁹⁵.

92 *Id.*

93 Morais, L. (1950), p. 27.

94 Morais, L. (2024).

95 Sobre a cantina social do padre Henrique Maria dos Santos ver (Santos, H. M., 1990. *Aventura Feliz*. Évora).

A devolução das batatas poderá estar relacionada com o controlo dos preços, nos principais mercados de Lisboa e Porto, exercido pelos organismos corporativos, de forma a aumentar os lucros dos grandes armazéns protegidos pelos dirigentes. Em consequência, muitos produtores de batata da região de Trás-os-Montes, para além de serem obrigados a venderem a preços muito baixos, não conseguiam, muitas vezes, comercializar as suas produções. Estas práticas foram denunciadas numa notícia do jornal clandestino *Avante*, datado da primeira quinzena de 1958:

“Como compreender esta crise, se é certo, que em cidades como Lisboa, Porto e noutras regiões a batata é vendida a preços elevados — 1\$50 e 1\$60 o quilo? Como se explica que milhões de portugueses não comem a batata de que necessitam, por ser cara, e os produtores não a consigam colocar aos preços baixíssimos de 40 e 50 centavos? A explicação encontra-se, uma vez mais, nas negociatas promovidas pelos organismos corporativos. No início da campanha, a Junta recolheu uns milhares de vagões de batata, a seguir fez subir os seus preços e terminou a operação proibindo a circulação da batata em todo o país, de tal maneira, que a circulação de um saco de batatas de uma região para outra é considerado contrabando. Os benefícios desta negociata foram colhidos, como é óbvio, pelo alto funcionalismo corporativo e pelos grandes armazenistas seus protegidos.”⁹⁶

Outra das áreas de negócio, à qual a pequena cooperativa também se dedicou, foi a das madeiras provenientes da Malhada ou compradas na região da Campeã, que eram depois vendidas diretamente aos industriais da região do Porto, sendo os carregamentos, transportes e entregas supervisionados pelo José Tão⁹⁷.

Os bens de consumo necessários que não eram produzidos pelos parceiros, tinham de ser adquiridos individualmente num estabelecimento comercial onde, devido aos ganhos dos vários membros da cadeia de negociantes intermediários, os produtos eram vendidos a preços elevados. A aquisição desses bens em mercados grossistas permitiria baixar os preços de compra, mas para isso seria necessário comprar esses produtos em grandes quantidades. Assim, estava também previsto construir um armazém para guardar os produtos comprados em conjunto pela comunidade:

“O nosso armazém. Na nossa quinta é preciso um armazém que tenha as coisas que não

96 *Avante* (fev. de 1958). *Ameaçados de ruína milhares de produtores de batata*, p. 2.

97 Moraes, L. (2024).

há em casa como: o azeite, o petróleo, o sabão, o arroz, etc. Assim, as coisas compradas ao junto são mais baratas e melhores do que compradas ao retalho”⁹⁸.

Juntamente com a dinamização das atividades económicas, outra das prioridades consistia na alfabetização e na educação dos cooperadores, para a qual estava prevista a construção de uma escola na Quinta da Malhada:

“Na nossa quinta havemos de ter uma escola, que seja a casa de todos, dos que vêm aprender e dos que já aprenderam. A escola terá uma sala de trabalho para as aulas e uma biblioteca para leitura. Assim todos os que trabalham na quinta podem aprender e ensinar os mais novos. Não devemos ser orgulhosos por saber, mas gostar de saber para sermos melhores e ajudar os outros”⁹⁹.

Embora a edificação da escola nunca tenha sido concluída, o casal Ferreira da Costa, com a participação de outros membros do grupo Metanoia, desenvolveu diversas ações educativas junto de crianças e adultos da Campeã. Algumas delas decorriam durante o verão, à sombra da Toca do Rodrigo, na Malhada. Fernando Ferreira da Costa empenhava-se muito na divulgação da mensagem evangélica e do espírito cooperativo, enquanto Luísa Dacosta, que tinha muita empatia com as crianças, dedicava-lhes longas horas de leitura, a que elas assistiam com muita satisfação¹⁰⁰.

As lições registadas nos cadernos de Lurdes Morais dão-nos algumas informações sobre o teor e as metodologias utilizadas. Ao longo das páginas destes cadernos, muitos ensinamentos usam como suporte o mundo conhecido de Lurdes Morais, onde são realçadas as vantagens da cooperação entre os membros de uma comunidade em contraponto com a inoperância e as desvantagens das ações isoladas; são interpretadas parábolas dos Evangelhos, contos e lendas populares; são introduzidos e apresentados pequenos textos de autores portugueses, como João de Deus, António Nobre, Francisco Palha e Júlio Dinis, entre outros.

98 Morais, L. (1950), p. 30.

99 *Ibid.*, p. 33.

100 Morais, L. (2024).



Figura 8

Algumas atividades rurais na veiga da Campeã dos anos 50, do século passado. Em cima, o transporte em carro de bois de tojos para a produção de estrume e, no meio, a preparação da terra para plantação através de gradamento. Como o gado maronês, para além de ser a grande fonte de fertilizante, era também a principal força auxiliar de trabalho, havia na região da Campeã um importante mercado ligado à sua criação. Em baixo, a arranca das batatas, uma das principais produções agrícolas de todo o Alto Trás-os-Montes.

Fotos: Maria Manuel Fernandes Costa em (Costa, M. M., 1959. *A Veiga da Campeã – Ensaio de Estudo Monográfico*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa).

AMEAÇADOS DE RUÍNA MILHARES DE PRODUTORES DE BATATA

Produtores de batata dos distritos de Vila Real, Viseu, Guarda, Portalegre Aveiro e de localidades dos distritos de Lisboa e Santarém reclamam o escoamento de milhares e milhares de toneladas de batata que mantêm armazenada, não obstante, aproximarem-se uma nova colheita. Só no distrito de Vila Real estão em armazém 40 milhões de quilos de batata e destes metade (20 milhões) no concelho de Chaves. Em Lamego, onde foram manifestados 300 vagões, a batata estava a ser reitada a uma mó de 2 vagões por semana e, ultimamente, mesmo este precário escoamento cessou. A batata perde as suas qualidades comerciais, começa a grelhar e algumas mesmo a apodrecer. Em vários registos os produtores não conseguem colocar nem à irritadíssima quantia de 50 centavos o quilo. Como disse o Dr. Brásio Antunes, numa reunião em Chaves, sobre-se desde já «que nem metade dos tubérculos que os produtores têm em armazém será vendida». A ruína ameaça milhares de lavradores, randeiros e trabalhadores, a batata vendida não compensa as despesas de produção. Por isso, os produtores e comerciantes da batata reúnem-se, aprovam representações e vão em delegações pedir directamente providências ao Governo, como aconteceu em Chaves (uma reunião de centenas de pessoas), Tarouca, Lamego e noutras localidades.

Uma negociata

Como compreender esta crise, se é certo, que em cidades como Lisboa, Porto e noutras regiões a batata é vendida a preços elevados — 1350 e 1360 o quilo? Como se explica que milhares de portugueses não comam a batata de que necessitam, por ser cara, e os produtores não conseguem colocar os preços baixíssimos de 40 e 50

organismos corporativos. No início da campanha, a Junta recolheu uns milhares de vagões de batata, a seguir fez subir os seus preços e terminou a operação proibindo a circulação da batata em todo o país, de tal maneira, que a deslocação de um saco de batatas de uma região para outra é considerado contrabando. Os benefícios desta negociata foram colhidos, como é óbvio, pelo alto funcionalismo corporativo e pelos grandes armazenistas seus protegidos.

Nada com a Junta!

Mas a negociata não explica tudo, a organização corporativa em si mesma, revela-se cada vez mais incapaz de resolver os problemas económicos nacionais. Já o ano passado se verificou idêntica crise do escoamento da batata e o «Jornal de Notícias» do Porto (10-1-58) atribui a «este ano ao facto de «o ano passado não se tomarem as providências mais convenientes e racionais...». Por isso, os lavradores perderam totalmente a confiança na Junta, reclamam providências do Governo «mas desta, por via directa» (Jornal de Notícias) e afirmam: «nada queremos com a Junta!».

NA «ALFREDO ALVES» OS OPERÁRIOS FORJAM A SUA UNIDADE

Nesta empresa da Venda Nova o patrão procura por todos as formas dividir os operários e aliar-los uns contra os outros: deu aumento a uns tantos em cada secção, contemplou com «bónus» especiais apenas uns tantos, etc. Porém e apesar



As primeiras quantias recebidas são um belo sintoma, mostram que a campanha dos mil contos será realizada com sucesso num prazo de tempo relativamente curto.

Como foi dito no último número do «AVANTE!», o Partido necessita urgentemente de centenas de contos para fazer frente às enormes despesas decorrentes da realização vitoriosa do V.º Congresso. A publicação de todos os materiais ali discutidos, o melhoramento e defeito de todo o aparelho do Partido, isto é as tarefas sempre crescentes e mais difíceis que a situação política coloca ao nosso Partido, além do esforço redobrado dos membros do Partido, exigem muito dinheiro para poderem ser evadas a bom termo.

AVANTE PARA OS 1.000 CONTOS!

Algumas organizações elaboram os seus planos de acção e comprometem-se a recolher determinadas quantias, preparando-se ao mesmo tempo, segundo nos informam, para lançar desejos a outras para ver que mais depressa recolha determinada quantia tendo em conta, claro está, as proporções e condições de cada uma das organizações que desafiaram.

O «AVANTE!» espera que lhe faça chegar todas as boas experiências na recolha de fundos e os termos dos desafios contrituais e animadores para lhes dar a publicidade devida.

Avante, camaradas e amigos do Partido! Ao trabalho de massas para que os mil contos sejam realizados depressa — o mais depressa possível!

QUANTIAS JÁ RECEBIDAS

OUTUBRO 1957		vários do Sul 7.00 contos		10.00
Manuel R. da Silva	10.000.00	C. Costa (C)	100.00	Fundação Ver-
Spulnik	350.00	Cont. Staline	62.00	meia
Unid. anti-	50.00	C. N.	5.00	Lista n.º 409
-salazarista	50.00	Lista 5 de Out.		5.00
Viva o V.º Con-	2.500.00	n.º 905	28.00	« € 900 16.50
gresso	2.500.00	Idem 904	20.00	« € 1.160 25.00
V.º Con-	200.00	Idem 903	10.00	tribuição
		Manuel R. da Silva	15.000.00	« € 1.582 12.50
		Spulnik	200.00	« € 94 11.00
				Os bancários
				ajudam
				« € 17 A B 71.00
				Para os 1.000

Figura 9

Recorte da página 2 do jornal clandestino *Avante*, da primeira quinzena de fevereiro de 1958, onde é denunciada a viciação do mercado da batata produzida em Trás-os-Montes.

Fonte: Arquivo do «Avante!» Clandestino, *Avante* — Órgão Central do Partido Comunista Português.

Em Vila Real, Ferreira da Costa fez amizade com o padre Henrique Maria dos Santos, fundador e responsável pela cantina social, conhecida por «A nossa casa», que proporcionava refeições gratuitas às numerosas crianças carenciadas da cidade¹⁰¹. Em razão do seu apoio a esta instituição, tornou-se muito popular entre os petizes que a frequentavam. Alguns deles iam mesmo apelar à sua caridade à porta de casa, pois sabiam que ele acedia sempre aos pedidos, apesar de isso desagradar à sua sogra. Devido à sua generosidade e à barba, que então usava, as crianças apelidavam-no de S. Francisco¹⁰².

A partir do momento em que o casal Ferreira da Costa ficou a residir em Vila Real, João Sá da Costa veio visitá-los muitas vezes, permanecendo longas temporadas, e, a partir de outubro de 1950, mudou-se mesmo para a cidade do Corgo para lecionar no Liceu Nacional de Vila Real. De 14 de outubro a 31 de julho de 1951 foi professor do 4.º grupo, que incluía as disciplinas de História e Filosofia¹⁰³. Nesse período “*procedeu a experiências pedagógicas no sentido da escola activa aplicando a aprendizagem obtida junto de António Sérgio, Agostinho da Silva e na escola Piaget*”¹⁰⁴.

Manuela Lobo da Costa e Lúcia Nobre, embora continuassem a viver em Lisboa, vinham de vez em quando a Vila Real e continuaram a participar nas publicações Metanoia, que estavam então sediadas no n.º 28 da Rua Cândido dos Reis, desta cidade. Lurdes Morais foi muitas vezes à estação ferroviária buscar os embrulhos de 25 kg com os livrinhos provenientes de Braga, onde eram impressos na gráfica Augusto & Costa, Lda., sendo depois enviados por correio aos assinantes. Em determinado momento tiveram de ocultar dos livrinhos a participação de Fernando Ferreira da Costa, colando pequenas tiras de papel branco sobre o seu nome¹⁰⁵. Este facto estará relacionado com os problemas anteriormente ocorridos com a censura, em virtude da sua tomada de posição pacifista.

Foram publicados a partir de Vila Real, antes de janeiro de 1950, o Caderno duplo 19 e 20 — *Consciência Cristã* com textos de Joaquim Alves Correia, o Caderno 21 — *Pobreza Voluntária* de S. João Crisóstomo, coordenado por Lúcia Nobre, e o Caderno duplo 22, 23 — *Espírito de S. Francisco*, com textos de frei Manuel Alves Correia. Depois dessa data, foram

101 Santos, H.M. (1990).

102 Morais, L. (2024).

103 Livro de Registo dos Professores do Liceu Nacional de Vila Real. Ano letivo 1950-1951. Escola Secundária Camilo Castelo Branco. Vila Real.

104 Costa J. S. (1998).

105 Morais, L. (2024).

publicados o Caderno 24 — *Meditações sobre o Evangelho* de Sto. Antônio, o Caderno 25 — *O Erasmismo em Espanha. Textos do séc. XVI* e o Caderno 26 — *Em Defesa dos Índios Ocidentais*, de Las Casas.¹⁰⁶

Foram ainda editados uma *Pequena Antologia*, que integrou textos provenientes de cinco Cadernos anteriormente publicados, destinada à venda em livraria¹⁰⁷, e o livro *O Ideal Cristão* com os vários textos que o padre Joaquim Alves Correia tinha publicado nos Cadernos Metanoia¹⁰⁸.

As Edições Metanoia lançaram também os Cadernos Introdução, destinados à divulgação junto do grande público, de conhecimentos elementares sobre Ciências Sociais. O primeiro Caderno, intitulado *Perspetivas de história medieval*¹⁰⁹, foi inteiramente redigido por Fernando Ferreira da Costa. O segundo, intitulado *Esboço de história económica da Idade Média*¹¹⁰, foi da autoria de João Sá da Costa. Ambos foram impressos na gráfica Minerva Transmontana, que tinha sido adquirida há pouco tempo pelo seminário vila-realense graças à ação do padre Henrique Maria dos Santos¹¹¹. Não sabemos se estes primeiros números tiveram continuidade, pois, infelizmente, as publicações das Edições Metanoia são, hoje em dia, muito difíceis de encontrar, sendo também, por isso, muito difícil fazer o seu inventário.

De acordo com João Sá da Costa, a publicação dos Cadernos Grandes Páginas Cristãs viria a ser interdita a partir de outubro de 1951, ainda na sequência da censura ao caderno intitulado *Crença na Renovação da Terra*, que continha o segundo capítulo do livro *Utopia* de Thomas Moore, prefaciado por Ferreira da Costa¹¹².

[próxima página]

Figura 10

Alguns Cadernos Metanoia publicados a partir de Vila Real. Em cima, à esquerda, a capa do caderno 21 e, à direita, a capa do caderno duplo 22 e 23. Em baixo, a capa e a última página da *Pequena Antologia*, com textos publicados em diferentes cadernos até janeiro de 1950, onde é possível observar que a residência do casal Ferreira da Costa era também a morada editorial.

106 Ver a última página de (Correia M. A., 1950. *O Espírito de S. Francisco*. Vila Real: Metanoia).

107 Costa, M. L. (1950). *Páginas Cristãs - Pequena Antologia*. Vila Real: Metanoia.

108 De acordo com o anunciado nas últimas páginas de (Correia M. A., 1950) e (Costa, M. L., 1950).

109 Costa, F. F. (1950). *Perspetiva de História Medieval*. Vila Real: Metanoia.

110 Costa, J. S. (s.d.). *Esboço de história económica da Idade Média*. Vila Real: Edições Metanoia.

111 Sobre a aquisição desta tipografia pelo seminário de Vila Real ver (Santos, 1990, pp. 59-64).

112 Costa J. S. (1997).

CADERNOS GRANDES PÁGINAS CRISTÃS

SÃO JOÃO CRISÓSTOMO

POBREZA VOLUNTÁRIA



EDIÇÕES METANOIA - VILA REAL

PÁGINAS CRISTÃS



O ESPÍRITO DE SÃO FRANCISCO

por

FREI MANUEL ALVES CORREIA

EDIÇÕES METANOIA • VILA REAL

PÁGINAS CRISTÃS



PEQUENA ANTOLOGIA

SÃO MATEUS, SÃO JOÃO
TEXTOS DO SÉCULO III
SÃO JOÃO CRISÓSTOMO
SÃO FRANCISCO DE ASSIS
GERARD GROOTE

EDIÇÕES METANOIA • VILA REAL

EDIÇÕES METANOIA

LIVROS PUBLICADOS

CONSCIÊNCIA CRISTÃ — pelo P.^o Joaquim Alves Correia.
PEQUENA ANTOLOGIA — selecção de textos do séc. II e III,
S. João Crisóstomo, S. Francisco de Assis, Gerard
Groote.

CADERNOS GRANDES PÁGINAS CRISTÃS publicados até Janeiro de 50

- | | |
|--|---|
| 1—BOA NOVA — Giovanni Pa-
pini (esg.). | 12—RENOVAÇÃO—Erasmus (esg.) |
| 2—MENSAGEM DE S. FRANCISCO
—Textos do séc. XIII e XIV. | 13—QUEM DIZ ESTAR NELE DE-
VE ANDAR COMO ELE AN-
DOU—Irmãos de Vida Co-
mum (esg.). |
| 3—FREI BARTOLOMEU DOS
MÁRTIRES NO CONCÍLIO DE
TRENTO — Frei Luiz de
Sousa (esg.). | 14—OS PRIMEIROS CRISTÃOS E
O IMPÉRIO — Textos do
séc. III (esg.). |
| 4—O ESPÍRITO QUE NOS MOVE
—P. ^o Joaquim Alves Cor-
reia (esg.). | 15—16—CRENÇA NA RENOVAÇÃO
DA TERRA — São Tomás
Moro (fora do mercado). |
| 5—BOA NOVA — Giovanni Pa-
pini (2. ^a ed. esg.). | 17—LARGUEZA DE ESPÍRITO —
Padre Fleury (esg.). |
| 6—CONVERSA NO MONTE —
São Mateus. | 18—A VERDADEIRA ALEGRIA —
São Francisco de Assis. |
| 7—AMOR E LIBERDADE DE
CONSCIÊNCIA — São João. | 19—20—CONSCIÊNCIA CRISTÃ —
P. ^o Joaquim Alves Cor-
reia (1. ^a edição cad. du-
plo — esg.). |
| 8—9—O IDEAL CRISTÃO—P. ^o Joa-
quim Alves Correia (esg.). | 21—POBREZA VOLUNTÁRIA —
S. João Crisóstomo (esg.). |
| 10—A SENHORA POBREZA — P. ^o
Manuel Alves Correia
(esg.). | 22—23—O ESPÍRITO DE S. FRAN-
CISCO—Frei Manuel Alves
Correia. |
| 11—ESTOU NO MEIO DE VÓS
COMO UM QUE SERVE —
São Bernardo (esg.). | |

Modalidades: inscrições por envio directo do editor —
1250 a série de seis cadernos; por venda avulsa nas livrarias
250 cada (sendo os cadernos duplos a 500).

Resid. do Editor: R. Candido dos Reis, 28 — VILA REAL

Composto e Impresso nas Ofic. Gráf. Augusto Costa & C.^a, Lda. — BRAGA

A DOENÇA DE ALVES CORREIA E A ESPERANÇA DO SEU REGRESSO

Desde que foi forçado a abandonar Portugal, Alves Correia foi capelão dos emigrantes portugueses em San Diego, na Califórnia, vindo posteriormente a ser professor de Sociologia na *Duquesne University* em *Pittsburgh* na Pensilvânia, universidade da Congregação do Espírito Santo. Terminado o prazo de seis meses do visto, Alves Correia andou pelo México e pelo Haiti, até conseguir o regresso ao ensino universitário em *Pittsburgh*¹¹³. Quando tomou conhecimento da cooperativa comunitária teve uma enorme vontade de se juntar a ela. Segundo Fernando Ferreira da Costa:

*“Quando pressão política e religiosa nos levou a fundar uma comunidade rural nas faldas do Marão também ele se dispunha a pegar na enxada e a compartilhar o suor da resistência num horizonte ainda sem Vaticano II”*¹¹⁴.

Contudo, esse desejo nunca se viria a concretizar devido à grave doença de que começou a padecer. Nesse período, o seu amigo Lúcio Tomé Feteira foi visitá-lo a *Pittsburgh*, e relatou o seguinte:

*“Recordo-me que uma ocasião, visitando-o (estava ele já bastante doente: tinha um cancro na garganta), levantou-se propositadamente para vir jantar comigo na cantina da Universidade. Foi-lhe então feita uma ovação estrondosa por todos os estudantes e professores — de tal modo ele era apreciado e querido”*¹¹⁵.

Com a doença veio também a esperança do seu regresso. Os jovens cristãos comunitários rejubilaram com a possibilidade de o acolherem entre eles. Foi-lhe logo destinado um quarto na Quinta da Malhada, que Lurdes Morais, muito carinhosamente, se prontificou a encerrar. Seria também ela que iria cuidar dele. Mas o tempo passou e a autorização eclesiástica para o seu regresso tardava a chegar. Esses momentos de grande angústia foram descritos por Luísa Dacosta:

113 Ver prefácio de Anselmo Borges em (Correia J. A., 1977) e (Lopes, 1996, pp. 170-187).

114 Testemunho de F. Ferreira da Costa (Lopes, 1996, p. 232).

115 Testemunho de Lúcio Tomé Feteira em (Correia J. A., 1977, p. 234).

“Inquieta, as esperanças não me contentavam, aconselhei-te (tu nunca soubeste ralhar-me «grosso») a desobediência, para regresso sem licença. Depois, foi a estranheza daquela carta que não trazia a tua letra. E a noite da tua ausência caiu sobre mim. Não cheguei a comprar o chapéu vermelho com que devia esperar-te, para que me reconhecesses de imediato. Quando te deram ordem para regressar, tarde, propositadamente tarde, já não podias fazê-lo. A doença tinha-te crucificado de pés e mãos”¹¹⁶.

Regressaram a Portugal apenas as suas malas, onde se encontravam os seus últimos escritos, dos quais faziam parte manuscritos inéditos, alguns deles destinados às Edições Metanoia, como uma edição dos Evangelhos anotados, um artigo sobre o *Catholic Worker* e um estudo sobre Tolstoi¹¹⁷. Porém, como se depreende das palavras de Luísa Dacosta, a Congregação do Espírito Santo não viria a cedê-los:

“Como posso perdoar-lhes se os teus últimos papéis me foram sonegados, incluindo os evangelhos que anotavas a meu pedido, apesar de me teres considerado com direito à tua obra e, expressamente, às obras póstumas? Como posso perdoar-lhes? Não estavam inocentes – como os que crucificaram Cristo. Fariseus e oportunistas como o grande inquisidor de Dostoievski, sabiam o que faziam”¹¹⁸.

Alves Correia faleceu no dia 1 de junho de 1951 e foi sepultado no cemitério de Sta. Maria em *Pittsburg*. Passados alguns anos do seu falecimento um artista pintou no refeitório da *Duquesne University* um grande fresco alusivo à Última Ceia, em que um dos Apóstolos foi retratado na figura do padre Joaquim Alves Correia¹¹⁹.

D. António Ferreira Gomes, Bispo do Porto, considerou que Alves Correia foi um precursor do Concílio do Vaticano II, pois muitas das práticas e orientações da Igreja, que ele achava que deviam ser renovadas, viriam a fazer parte das resoluções provenientes da reunião magna da Igreja Católica, promovida pelo Papa João XXIII, entre 1962 e 1965.¹²⁰ Este prelado promoveu no dia 6 de maio de 1978 uma homenagem a Joaquim Alves Correia que começou com diversos

116 Testemunho de Luísa Dacosta em (Correia J. A., 1977, p. 237).

117 De acordo com o prefácio de Anselmo Borges em (Correia J. A., 1977).

118 Testemunho de Luísa Dacosta em (Correia J. A., 1977, p. 238).

119 Testemunho de Henry J. Koren, historiador da Universidade de Duquesne, em (Lopes, 1996, p. 187); ver também Neves, T. (2019). Dos imigrantes europeus ao P. Joaquim Alves Correia, uma universidade nos EUA. *Sete Margens*: Lisboa.

120 Lopes, F. (1996), pp. 243-246.

discursos, proferidos na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, e culminou com a inauguração de um pequeno monumento, em Sarnada, concelho de Paredes, terra natal do homenageado. No seu discurso D. António disse:

“Precursor do Concílio do Vaticano II, precursor indireto do 25 de Abril, Alves Correia tem ainda muito a dizer-nos agora, tanto à Igreja como ao povo português, nos domínios da liberdade religiosa, da tolerância, do ecumenismo, da aprendizagem da verdadeira liberdade para que se não converta de novo em tirania. O grupo Metanoia considerou-o seu mestre e inspirador. Que Alves Correia possa presentemente ser o inspirador da prática dos ensinamentos do Vaticano II e dos «ideais floridos de Abril»”¹²¹.

No dia 25 de abril de 1980, o Presidente da República, general Ramalho Eanes, atribuiu a título póstumo o grau de Grande-Oficial da Ordem da Liberdade a Joaquim Alves Correia, António Sérgio, Bento Jesus Caraça e Humberto Delgado, entre outros. Esta distinção, criada em 1976 pelo Governo presidido por Mário Soares, destina-se a galardoar os serviços relevantes prestados à causa da democracia e liberdade¹²².



Figura 11

Joaquim Alves Correia foi retratado, após a sua morte, como apóstolo (em cima à esquerda) numa pintura alusiva à Última Ceia, no refeitório da comunidade dos Missionários Espiritanos da Universidade de *Duquesne* (*Pittsburg*, EUA).

Foto: Tony Neves em Neves, T. (2019).

121 Transcrição de parte do discurso de D. António em (*ibid*, p. 211).

122 *Ibid*, p. 204.

A morte do padre Joaquim Alves Correia foi um rude golpe para os jovens cristãos comunitários. Sem o seu líder espiritual muitos dos propósitos do grupo deixaram de fazer sentido, vindo progressivamente a dissolver-se. Maria Manuela Lobo da Costa, terá sido das primeiras a sair para casar com Eduardo José Lopes Simões, com quem viria a ter três filhos.

Em outubro de 1951, João Sá da Costa mudou-se para Aljustrel onde foi professor liceal. Atividade que desempenhou até ser suspenso por determinação da PIDE, na primavera de 1952¹²³, vindo depois a integrar, a convite de seu pai, Augusto Sá da Costa, os quadros da Livraria Sá da Costa Editora¹²⁴.

Pouco antes da morte de Alves Correia, António Sérgio propôs aos dois primos a criação de uma nova publicação destinada à divulgação do cooperativismo:

*“Há onze anos, em janeiro de 51, conversava com António Sérgio em sua casa na companhia de João Sá da Costa, quando nos foi sugerida a criação de um Boletim Cooperativista. António Sérgio, com persuasão irradiante de apóstolo laico, expôs-nos a sua intenção e, sem atender à minha confessada ignorância do ideário cooperativo, desenhou num papel a maqueta do primeiro número”*¹²⁵.

A criação do *Boletim Cooperativista* inseria-se numa nova abordagem, mais pragmática, que António Sérgio ensaiava depois de verificar que a implantação de uma República Cooperativa não poderia suceder a curto prazo, dado o fracasso da tentativa de eleição do general Norton de Matos para a Presidência da República, em 1948, e os consequentes adiamentos da instauração de um setor político de socialismo de Estado. António Sérgio propôs, então, que se avançasse desde logo para o Cooperativismo Integral, mas apenas dentro do setor cooperativo existente e não no todo do país. Esperava que daí resultasse um setor cooperativo completo, contido entre os setores público e privado, que permitiria *“a um indivíduo que o queira, satisfazer todas as necessidades materiais e espirituais, sem ter de recorrer ao sector capitalista; quer dizer: viver em regime socialista, apesar de não serem socialistas o Estado e o país a que pertence”*¹²⁶.

123 Costa J. S. (1998).

124 Domingues, B. (2002).

125 Costa, F. F. (1962).

126 Sérgio, A. (1958). Sobre o ideal da criação de um setor cooperativo completo. *Boletim Cooperativista* (52).

Deste modo, o desejado ideal da República Cooperativa ficava adiado para horizontes mais distantes pois, sem o auxílio de um socialismo de Estado, este objetivo só poderia resultar da progressiva expansão do movimento cooperativista. Expansão que, de acordo com António Sérgio, viria inevitavelmente a acontecer. Ele acreditava que, à semelhança do que tinha acontecido com o moderno sistema capitalista, que se gerou na matriz do regime feudal, a implantação do sistema cooperativista iria beneficiar da matriz de regime capitalista¹²⁷.

O *Boletim Cooperativista* destinava-se a ser o órgão dinamizador e promotor do setor cooperativo, contribuir para a criação de um verdadeiro espírito cooperativista¹²⁸ e servir de guia no caminho para o Cooperativismo Integral¹²⁹. Este último desígnio foi naturalmente assumido por António Sérgio que, de forma extremamente pedagógica, foi relembando e reformulando os objetivos imediatos a atingir, de acordo com o seu modelo conceptual.

O primeiro número foi publicado logo em fevereiro de 1951, com textos de António Sérgio, Fernando Ferreira da Costa e Lúcia Nobre, a partir de Vila Real, onde foi impresso na tipografia Minerva Transmontana. De acordo com Ferreira da Costa, a publicação do *Boletim*, em regime de semiclandestinidade, e a sua distribuição pelo maior número possível de cooperadores encontrou, inicialmente, muitas dificuldades:

*“Durante aquele ano não foram publicados mais de 7 números que incluíam apenas colaboração de António Sérgio, em seu nome e sob os pseudónimos de Carlos Plácido e Álvaro Clarival, Lúcia Nobre, João Sá da Costa, Luísa Dacosta, e eu, que além da colaboração anónima utilizei também o pseudónimo de Pedro Montanha. Esta situação denunciava o isolamento em que nos encontrávamos e traduzia-se numa tiragem limitada a 1000 exemplares que mesmo assim não conseguíamos esgotar. A distribuição do Boletim era efectuada através de uma incompleta lista de cooperativas e pessoas interessadas, que Lúcia Nobre em Lisboa e eu em Vila Real tínhamos tomado a nosso cargo”*¹³⁰.

Mas, a partir de outubro de 1951, algumas cooperativas, sobretudo do Porto e Lisboa, afirmaram a sua solidariedade com o *Boletim*, requisitando exemplares, para distribuir pelos seus membros, em número suficiente para assegurar sua publicação por mais algum tempo¹³¹.

127 Barros, H. e Costa, F. F. (1983). *António Sérgio: Uma Nobre Utopia*. Lisboa: O Jornal, p. 42.

128 Sérgio, A. (1956). Que deverá ser de futuro o «Boletim» um órgão de doutrina, uma folha recreativa, ou uma combinação das duas? *Boletim Cooperativista* (34).

129 Costa, F. F. (1978). *Doutrinadores Cooperativistas Portugueses*. Lisboa: Livros Horizonte, p. 78.

130 Costa, F. F. (1962).

131 *Id.*

O *Boletim* viria a ser publicado, quase ininterruptamente, entre 1951 e 1975, num total de 242 números¹³². Durante os seus primeiros quatro anos, o seu grande obreiro foi Fernando Ferreira da Costa, que, com o apoio de João Sá da Costa e de Lúcia Nobre, coordenou e assegurou a redação, para além de ter sido autor de muitos dos textos publicados¹³³. No n.º 34 do *Boletim*, António Sérgio dá conta do precioso contributo deste grupo:

*“Este nosso Boletim veio à luz e vingou graças à dedicação, à generosidade, e ao espírito de sacrifício do meu amigo o Dr. Fernando Ferreira da Costa, acompanhado pelo Dr. João Sá da Costa e pela Doutora Maria Lúcia Nobre, e mais tarde pelo Sr. Rodrigues Graça. A sua magnanimidade lhe deu nascimento, a sua magnanimidade o tem mantido”*¹³⁴.

Luísa Dacosta também colaborou em algumas edições do *Boletim* como, por exemplo, no n.º 6 de novembro de 1951, onde aborda as questões das cooperativas escolares e do ensino do cooperativismo¹³⁵, e, no n.º 100 de fevereiro de 1961, onde deu a conhecer as convicções cooperativistas e o empenho do autor transmontano, Trindade Coelho, na educação cívica e cultural, como forma de melhorar as condições de vida do povo¹³⁶.

Ferreira da Costa coordenou, a partir de Vila Real, a publicação dos 12 primeiros números do *Boletim*, todos impressos na tipografia Minerva Transmontana até julho de 1952. Em simultâneo, dedicou-se intensivamente à cooperativa comunitária da Campeã, que tardava em afirmar-se:

*“no momento daquele encontro, estava persistentemente procurando salvar a experiência de uma comunidade rural, que, com escassos amigos, tentara fundar em Trás-os-Montes”*¹³⁷.

Mas o seu esforço não teve sucesso e o projeto começou a desvanecer-se:

132 Um importante estudo sobre o *Boletim Cooperativista*: Leite, J. S. (2012). *Boletim Cooperativista - António Sérgio e Discípulos*. Lisboa: CASES.

133 Sobre a participação de F. Ferreira da Costa no *Boletim* ver Leite, J. S. (2013). *Boletim Cooperativista - Fernando Ferreira da Costa*. Lisboa: CASES.

134 Sérgio, A. (1956).

135 Artigo assinado por Maria Luísa Ferreira da Costa em Costa, M. L. (1951). Cooperação, centros de Interesse, equipas de trabalho. *Boletim Cooperativista* (6).

136 Artigo assinado por Luísa Dacosta em Dacosta, L. (1962). Trindade Coelho. *Boletim Cooperativista* (100).

137 Costa, F. F. (1962).

*“O colapso da experiência comunitária que empreendera, deixara-me sobrecarregado com pesados encargos, obrigando-me a aceitar um emprego em Lisboa, e a lutar durante largos meses para satisfazer compromissos financeiros assumidos”*¹³⁸.

Em consequência, durante mais de dois anos o *Boletim Cooperativista* não foi publicado, vindo o n.º 13 a ser publicado apenas em outubro de 1954, quando a Junta de Compras de Lisboa, em colaboração com a Junta de Compras do Norte, tomou a seu cargo a sua edição¹³⁹. Apesar de ter deixado a coordenação, Ferreira da Costa continuou a colaborar com o *Boletim*, publicando, de forma mais ou menos assídua, os seus artigos. Após o 25 de Abril, regressou à sua coordenação por decisão dos órgãos da Unicoope, o organismo intercooperativo responsável pelo *Boletim*¹⁴⁰.

Não se sabe exatamente quando sucedeu o fim da cooperativa comunitária da Campeã, mas só pode ter sido depois de abril de 1953, data da carta enviada por Ferreira da Costa a Joaquim Morais¹⁴¹. Ao fracasso da experiência cooperativista terá sucedido também o fim do grupo de cristãos comunitários:

*“Entretanto, tinham-se quebrado os vínculos que me prendiam ao movimento de renovação cristã”*¹⁴².

[próxima página]

Figura 12

As quatro páginas do *Boletim Cooperativista* n.º 1, de fevereiro de 1951, redigido em Vila Real, onde foi também impresso na gráfica Minerva Transmontana. Os textos são da autoria de António Sérgio, Lúcia de Carvalho Nobre e Fernando Ferreira da Costa.

Fonte: CDICAS.

138 *Id.*

139 *Id.*

140 Sobre a participação de F. Ferreira da Costa no *Boletim* ver (Leite, 2013, p. 16).

141 Costa, F.F. (23 de abril de 1953).

142 Costa, F. F. (1962).

BOLETIM COOPERATIVISTA

COORDENADO POR
ANTÔNIO SÉRGIO

CORRESPONDÊNCIA PARA
RUA DA LAPA, 110 - LISBOA
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

NÚMERO 1
FEVEREIRO-1951



COOPERATIVISMO

por Antônio Sérgio

DESTINA-SE ESTE BOLETIM a ser um instrumento de convivência, uma espécie de intermediário entre alguns adeptos do cooperativismo que estão decididos a trabalhar porque ele se difunde em Portugal. O nosso objectivo é trocar ideias entre nós, e cooperar pela consecução dos seguintes objectivos imediatos:

1. Criar no país uma verdadeira consciência cooperativista, que encare o cooperativismo integral como um *finis* no domínio da economia, isto é, no da produção e distribuição da riqueza, repellido qualquer intuito de fazer das cooperativas instrumentos desses instrumentos que devem ser as seitas e facções de qualquer espécie, as quais, a quem quer intervir no desenvolvimento do cooperativismo, o devem fazer considerando-se como instrumentos do cooperativismo, e não as cooperativas como instrumentos de quaisquer seitas;

2. Trabalhar pela criação de novas cooperativas, sobretudo de consumo e cooperativas agrícolas e pecuárias de transacções em comum e de transformação de produtos em comum;

3. Esforçar-se por que um pequeno número de cooperativas, decididas a manter-se livres de qualquer sectarismo, se federem desde já, com o intuito de vir a constituir o núcleo de uma futura Federação Nacional das Cooperativas de Consumo, com sua Armazém Central, destinado

a compras directas aos produtores, para todas elas;

4. Elaborar um projecto do Código Português do Cooperativismo, a apresentar ao poder legislativo;

5. Elaborar um projecto de estatuto de uma Caixa de Crédito Cooperativo, destinada a auxiliar financeiramente as cooperativas e também (enquanto se não cria uma Junta de Auxílio ao Cooperativismo, ou uma Direcção Geral da Cooperação, ou um Ministério da Cooperação) a esclarecer, incitar e auxiliar os cidadãos na obra de criar e federar cooperativas.

A todos os leitores deste Boletim que se interessarem por esta obra, e estejam dispostos a colaborar nela, pedimos que nos enviem o seu nome e a sua morada.

PRODUÇÃO—DISTRIBUIÇÃO—CONSUMO

por Lúcia Nobre

Na economia cooperativista não há divergência de interesses entre os que compram e os que vendem, porque a cooperativa nunca vende, mas faz a distribuição pelos consumidores do que para eles compram, se ainda se não tornou produtora. Procura restringir no maior grau possível todos os intermediários entre a produção e o consumo e anular o lucro, isto é, o que o detentor de um meio de produção ou de distribuição recebe só pelo facto

(CONTINUA NA 1.ª PÁGINA)

1

AS COOPERATIVAS DA PALESTINA

por Fernando Ferreira de Costa

Existem na Palestina cerca de 300 colónias agrícolas organizadas segundo diferentes sistemas: 35 são explorações individuais; 25 organizações em regime de cooperativas; as restantes Kibbutzim, de regime colectivo. Todavia os primeiros colónias conjuntas foram de tipo cooperativo organizadas por emigrantes judeus fugidos da Rússia isorista. Estes pioneiros, rodeados por um meio hostil e vivendo em extremas dificuldades económicas resolveram começar a associar-se em cooperativas. Primeiramente limitaram-se essas associações a organizar refeições económicas. Depois passou a cooperativizar o outro tipo de actividade, arrendando em nome da sociedade fazendas agrícolas e empregando o dinheiro recebido distribuindo ao pequeno grupo de trabalhadores os géneros



A CONCORRÊNCIA
PROVOCA A
LUTA, O COOPE-
RATIVISMO
A UNIÃO

indispensáveis de alimentação e vestuário. De este modo o trabalhador corria muito menos riscos do que com o contrato lucrativo, e por outro lado, com a distribuição dos géneros fundamentais era feito sem lucros, o seu salário tornava-se instantaneamente mais estável.

As enormes dificuldades que os judeus depararam na Palestina, que no que respecta ao Arabe, que no que respecta ao solo, explica o desenvolvimento das grandes colónias do tipo Kibbutz. Este foi ainda auxiliado pelo Fundo Nacional Judeu, que alugava terras aos colonos, e pela criação do «Keren Hayesod» para financiamento das colónias. O primeiro Kibbutz foi fundado na colónia agrícola de Degania pelo «grupo de Kibbutz», e depois desta experiência o sistema desenvolveu-se rapidamente. Todavia as grandes dificuldades não obedecem a uma fórmula rígida, porque, nascendo da luta, e fortalecendo-se com a experiência, variam conforme o ambiente,

as necessidades e os interesses dos seus componentes. Os emigrantes escolhem livremente o tipo de colónia que preferem, desde o Moshav cooperativo ao Kibbutz colectivo.

A colónia de Nahalal, por exemplo, é um Moshav onde vivem 70 famílias. A aldeia tem uma forma circular, estando ao centro as instalações de carácter social (escolas, dispensário médico, armazém, etc.). Em disposição concentrica seguem-se as moradias, sendo os dos profissionais no interior e as dos lavradores na periferia, de modo que os casos de contactos directamente com os lotes de terra agrícolas individualmente.

Todas as colheitas ou produtos manufacturados recolhem aos armazéns cooperativos, de onde são enviados para o mercado. Por outro lado, a cooperativa encarrega-se de adquirir os artigos não produzidos na colónia que distribui a preços reduzidos. Esta exploração cooperativa produz um excedente que é aplicado em benefício de interesse colectivo, como escolas, assistência médica, bibliotecas, etc. Devido a este sistema cooperativo, os habitantes da colónia sentem-se todos membros de um só corpo em que a felicidade de cada um implica felicidade ou exploração de outros.

O REMÉDIO RADICAL

Há poucos dias, inseriram os jornais a seguinte notícia:

«O sr. capitão Silva Pais, director dos Serviços de Fiscalização, deu hoje conhecimento aos representantes da Imprensa da acção desenvolvida pelas brigadas, quer em Lisboa, quer na provincia, para reprimir a alta dos preços de alguns produtos e artigos.

Em relação aos preços das hortaliças nos mercados de Lisboa, verificou-se que os vendedores auferiam lucros de 160%, e 170%. As couves que os vendedores adquiriam aos agricultores a 500 eram vendidas ao público a 2500 a couve-dor, adquirida a 2500, vendida ao público a 6500 a couve portuguesa, comprada a 1500 era vendida a 2500; o tomate estava a ser vendido com lucros de 212%. Por este motivo foram processadas quatro vendedoras do Mercado de Arêvix. Assim, os constantes que as brigadas estavam actuar aos mer-

2

cados, as vendedoras daquelas onde as brigadas ainda não tinham feito a sua aparição trataram logo de modificar os preços antes que inicialmente tinham afixado nos letreiros.

Em nosso juízo, há um só remédio definitivo, de raíz, para este mal: o de fundar os produtores de hortaliças cooperativas de produtores para transacções em comum, e venderem essas cooperativas directamente aos consumidores. Para isso, porém, convém que o Estado os auxilie, por meio de técnicas de organização cooperativa que os ensinem e guiassem nos primeiros passos e por meio de uma Caixa de Crédito Cooperativo que os auxiliasse nas despesas de instalação. Vantagem para os produtores, e imediata vantagem para os consumidores em geral.

UNAMONOS

Como dissemos, tem este «boletim» a intenção de unir num mesmo espírito todos os cooperativistas. Procurará expressar a atitude de renovação construtiva da cooperação e fazer nublir a grande vultude ideológica e a grande força económica das cooperativas associadas;

Tentaremos promover a organização do que poderia chamar-se «Liga de Auxílio ao Cooperativismo» (Licope) com a intenção de divulgar os princípios orientadores e fomentar a formação de novas cooperativas ou as adesões às cooperativas existentes. A Licope não pretenderia interferir na organização e direcção das cooperativas, mas tão só contribuir para a sua unidade ideológica, para a educação do consumidor, para a divulgação do ideal cooperativista. Abriremos desde já as inscrições para a



A COOPERATIVA
DE CONSUMO
SUPRIME
O LUCRO



A COOPERATIVA DE CONSUMO
NASCEU NO MEIO OPERÁRIO,
E CONSTITUI NA VERDADE O
MELHOR MEIO DE PROTECÇÃO
PARA OS TRABALHADORES.

Licope. Todo o que quizer inscrever-se não tem mais do que nos enviar o seu nome e morada e comprometer-se ao pagamento de uma cota de 5 escudos mensais;

Temos também em preparação a organização de uma pequena biblioteca informativa;

Acrescentamos também livros e publicações que queiam oferecer-nos;

Procuraremos publicar pequenas edições de introdução económica ao cooperativismo;

Logo que a Licope esteja constituída e com estatutos aprovados pela autoridade este Boletim passaria a ser o seu órgão de informação.

3

PRODUÇÃO—DISTRIBUIÇÃO—CONSUMO

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PÁGINA)

de ser proprietário, e que vai por isso além de um salário remunerador de seu trabalho.

É em função da colectividade dos consumidores que o cooperativismo procura organizar a produção. É para a cooperativa os consumidores por que se interessa. Não todos os homens, pertencem a que partido pertencem, professam a religião que professam, estão em que grau estiverem na hierarquia social. Sem combates, sem lutas, respeitando integralmente a liberdade individual, e personalidade de cada um, o cooperativismo propõe-se trabalhar para uma nova organização social em que todas as riquezas naturais, todas as vantagens oferecidas pelo desenvolvimento e aperfeiçoamento das técnicas sejam postas à disposição de todos os homens. Supra o regime lucrativista, as lutas económicas derivadas do sistema de compra e venda, da concorrência, da alta artificial dos preços provocada pela destruição dos produtos, pela esterilização das patentes, pela publicidade, o cooperativismo permitirá por uma economia planificada dirigir segundo os interesses dos consumidores fazer com que todos os interesses sejam fortes em comum, como se disse na escritura dos pioneiros de Rochdale. Num sistema cooperativo, numa cooperativa os interesses comuns coincidem com os interesses individuais, porque o interesse colectivo é o interesse de cada um dos sócios, de onde a boa harmonia, o entendimento fraterno entre os homens.

A cooperação de consumo na sua estrutura mais simples é uma associação de consumidores que compra as mercadorias ao vendedor por atacado e as distribui depois aos sócios e algumas vezes também aos não sócios, suprimindo assim o lucro do último intermediário, o retalhista. Os lucros deste são ou podem ser todos para

os sócios tomando assim, de facto, os géneros mais baratos pela distribuição anual dos excedentes, sob a forma de «bónus» de consumo, não como um dividendo, isto é, em proporção ao capital, mas como excesso no preço, isto é, em proporção às compras feitas pelos associados.

Nos países em que o cooperativismo atingiu grande desenvolvimento, o excedente de uma cooperativa de consumo, depois de retirada a parte destinada a assegurar a vida da cooperativa, não é inteiramente dado de retorno aos sócios. Uma percentagem é destinada a aumentar a vida inicial de cada um dos associados. Exemplificando: Um sócio entrou para a cooperativa com o capital de 50\$. Em vez de ficar toda a vida com esses mesmos cinquenta escudos, todos os anos é lhe adicionada uma pequena quantia.

No dia em que o sócio deixar de fazer parte da cooperativa, recebe todo o capital. Mas enquanto permanece associado e o seu capital vai aumentando beneficia-se e beneficia a cooperativa, porque permite que esta alargue a sua esfera de acção alargando as suas instalações, criando novas modalidades.

As cooperativas de consumo são levadas, quando o número de sócios for suficiente, como capital e como certa de consumo, — a procurar realizar a produção para os respectivos sócios, eliminando assim toda a série de lucros dos intermediários que vai dos produtores aos consumidores, tornando-se ele próprio produtor e bancário.

SOLICITAMOS PERMUTA
ON PRIE L' ECHANGE
WE SHOULD LIKE EXCHANGE

Marcos Immanuel — Secrétaire de Vida Real

4

Fernando Ferreira da Costa, juntamente com João Sá da Costa e Lúcia de Carvalho Nobre, estiveram sempre ao lado de António Sérgio nas suas iniciativas, visando a instauração de um setor cooperativo completo, objetivo no qual se empenharam muito e que viria a resultar na criação da Unicoope, armazém abastecedor das cooperativas, em dezembro de 1955. Este organismo constituía um primeiro passo para a integração das cooperativas de consumo numa estrutura federativa¹⁴³. Seguiram-se outras iniciativas, como a realização de um congresso nacional das cooperativas, designado por Aula Magna, em 1956, e, ainda no mesmo ano, a criação do Ateneu Cooperativista, como novo centro de formação e difusor do cooperativismo¹⁴⁴.

António Sérgio manteve-se sempre muito empenhado no derrube do regime totalitário de Salazar o que lhe valeu a perseguição pela polícia política, algumas detenções e a apreensão de várias obras suas. Pressionou a oposição de centro-esquerda a escolher o general Humberto Delgado como candidato às eleições presidenciais de 1958¹⁴⁵. O desfecho destas eleições traumatizou-o profundamente levando-o a desiludir-se com a atividade política e, após a morte da sua mulher Luísa, companheira dedicada de longa data, a remeter-se ao silêncio. Morreu no dia 24 de janeiro de 1969, com 86 anos. No seu funeral, que se realizou no dia 26, esteve presente uma grande multidão, composta por pessoas anónimas e por notáveis opositores ao regime, que se manifestaram civicamente e politicamente, apesar das várias cargas policiais a que foram sujeitas. António Sérgio deixou uma vasta obra reveladora de um pensamento que continua muito atual, que merece ser descoberta ou redescoberta.

Após o 25 de abril, Fernando Ferreira da Costa foi o principal divulgador da causa cooperativista, publicando vários livros que reuniram e sistematizaram textos dispersos de António Sérgio e de outros autores. Henrique de Barros, Ministro de Estado do I Governo Constitucional, qualificou então Ferreira da Costa como *"um dos nossos mais antigos e persistentes lutadores pela causa cooperativista, de um dos mais profundos e seguros conhecedores da teoria e da problemática do movimento cooperativo, do homem sem dúvida hoje melhor informado entre nós sobre a história e as realidades contemporâneas da cooperação em Portugal"*¹⁴⁶.

143 Sérgio, A. (1984), p. 19.

144 *Id.*

145 Barros, H. e Costa, F.F. (1983), p. 75.

146 Costa, F. F. (1978). *Doutrinadores Cooperativistas Portugueses*. Lisboa: Livros Horizonte, p. 7.

Ferreira da Costa e Henrique de Barros foram os grandes impulsionadores do movimento cooperativista após a Revolução, que conheceu então “*uma realidade cooperativa completamente nova: em primeiro lugar, porque a Constituição de 1976 deu, pela primeira vez, realce ao sector cooperativo, colocando-o a par dos sectores privado e público, e impôs ao Estado o dever de estimular e apoiar as iniciativas cooperadoras; em segundo lugar, porque, em resposta a situações concretas que se lhe apresentaram ou movidas pela necessidade de interesses e direitos comuns, numerosas pessoas decidiram organizar-se sob forma cooperativa, isto tanto no setor do consumo, como nos da agricultura, da indústria, da habitação e dos serviços*”¹⁴⁷.

Como resultado da consagração pela Constituição Portuguesa do apoio do Estado ao setor cooperativo, foi criado, durante o I Governo Constitucional, o Instituto António Sérgio do Setor Cooperativo (INSCOOP), presidido por Fernando Ferreira da Costa até ao último governo da Aliança Democrática (AD), que o exonerou em 20 de julho de 1982¹⁴⁸. Em simultâneo com a presidência do conselho diretivo do INSCOOP, Ferreira da Costa foi também professor de Cooperativismo na Faculdade de Economia da Universidade do Porto. O INSCOOP foi extinto pelo Decreto-Lei n.º 282/2009, de 7 de outubro, e deu lugar à Cooperativa António Sérgio para a Economia Social (CASES)¹⁴⁹, que continua em atividade atualmente.

Depois de ter sido demitido do INSCOOP, Ferreira da Costa esteve ligado à fundação e à direção da COOPAFRICA - Associação para a Cooperação e Desenvolvimento, uma organização não-governamental (ONG) destinada a estruturar a sociedade civil e a fomentar o desenvolvimento de regiões carenciadas de África, com destaque para os países de língua oficial portuguesa¹⁵⁰.

A dedicação e os serviços prestados a Portugal e aos países Lusófonos por Fernando Ferreira da Costa, ao longo da sua vida, foram reconhecidos pelo Presidente da República Jorge Sampaio, que o agraciou com o grau de Comendador da Ordem do Infante D. Henrique, a 20 de novembro de 1996¹⁵¹.

147 *Ibid.*, p. 9.

148 *Diário da República* 2.ª Série. N.º 150, 02-07-1982, p. 5172.

149 Decreto-Lei n.º 282/2009. *Diário da República* 1.ª série. N.º 194, 7-10-2009, p.7346-7349.

150 Ver nota biográfica em (Macedo, 2000. *Teatro do Imaginário Angolar de S. Tomé e Príncipe*. Coimbra: Cena Lusófona.) e COOPAFRICA – Associação para a cooperação e desenvolvimento. *Diário da República* 3ª Série. N.º 242, 20-10-1986, p. 11683.

151 Ver nota biográfica em (Macedo, 2000) e Presidência da República. Página das Ordens Honoríficas Portuguesas: <https://www.ordens.presidencia.pt/>.



Figura 13

Celebração do Dia Internacional da Cooperação, em Lisboa a 6 de julho de 1958, através de um almoço entre dirigentes, militantes e empregados de cooperativas. João Sá da Costa, de pé, faz uso da palavra. Na mesa do fundo, da esquerda para a direita, Lúcia Nobre é primeira e António Sérgio é o terceiro.

Foto: CDIAS e Queiroga, S. (2019). À procura de António Sérgio – Ensaio cronológico através de documentação bibliográfica e arquivística. Lisboa: CASES.

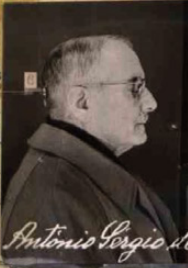


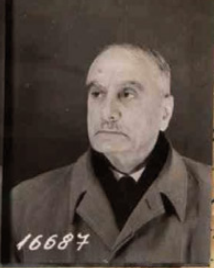
Figura 14

Almoço/jantar com cooperativistas. Ao fundo, da esquerda para a direita, António Sérgio é o primeiro, Fernando Ferreira da Costa é o Terceiro e Lúcia Nobre é a quarta.

Foto: CDIAS e (Queiroga, 2019).




Sinais 


 N.º 1715
 Altura 1,740
 Cor Branca
 Nacionalidade Portuguesa

António Sérgio de Sousa 22-11-58 16687

Nome e alcunha António Sérgio de Sousa "António Sérgio" "D."

Estado Casado Profissão Escritor
 Naturalidade Damão - Ilha da Madeira Data do nascimento 3-9-1883
 Filiação António Sérgio de Sousa e sua esposa Sérgio de Sousa
 Residência 1.º Moinho de Vento 4.º Lapa - Lisboa

Outras indicações 9.º 999/48 - Proc.º 987/958 D. F. -
 Número do processo de valores ou documentos apreendidos Negativo 16.587 999º 1288/48 - Reg.º 1544/958 D. F. -

BIOGRAFIA PRISIONAL
 Preso pela S.P. em 27-8-35; motivo político, dando entrada numa esquadra. Transferido para a cadeia do Aljube em 10-9-35. Transferido para a enfermaria da cadeia do Rimoeiro em 14-11-35. Transferido para a cadeia da Penitenciária em 28-11-35. Transferido para a enfermaria da cadeia do Aljube em 12-11-35. Em 21-11-35 foi posto na prisão, por ter sido banido do Território Nacional, por tempo indefinido. Preso por esta prisão em 19/8/48 para averiguações tendo recebido a cadeia do Aljube (c. 236/48). Restituído à liberdade em 19/8/48 (c. 234/48). Preso por esta Direcção em 22-11-958, pelo Artigos 155.º e 149.º do Código Penal, tendo recebido ao depósito de presos de Coxias (c. 329/958). Restituído à liberdade em 28-11-958 (c. 339/958) mediante caução (c. 342/958).

Figura 15

Ficha de António Sérgio no Registo Geral de Presos da PIDE, onde são indicadas três detenções. Em cima, à esquerda, fotografias correspondentes a sua detenção em 1935, à direita, detenção de 1948; em baixo, a fotografia tirada aquando da sua última detenção em 22 de novembro de 1958.

Fonte: Registo Geral de Presos da PIDE, liv. 9, registo n.º 1715. ANTT: Lisboa.

QUINTA DA MALHADA, UM LUGAR HISTÓRICO

A quinta da Malhada, onde o casal Ferreira da Costa encontrou o sossego da natureza e o resguardo das serranias envolventes, é também um lugar histórico com tradição de acolhimento e de ajuda aos mais desfavorecidos. Nas suas proximidades situa-se a pequena capela de N. Sra. da Guia, erigida no lugar onde existiu no séc. XII o Hospital-Albergaria da Campeã, uma instituição pia dedicada a apoiar os pobres, os peregrinos e todos os viajantes que se deslocavam sobre a antiga via do Marão, que ligava o interior transmontano ao litoral¹⁵². Foi também na Malhada que viveu, no séc. XIX, frei Vicente de Nossa Senhora da Conceição (1790-1879), um benfeitor, que adquiriu fama de santidade após a sua morte, e ali ajudou, alfabetizou e ensinou música às crianças da freguesia¹⁵³.

Fernando e Luísa Ferreira da Costa, provavelmente, não conheciam todos os antecedentes do lugar da Malhada, mas também contribuíram de sobremaneira para a sua história. Em agosto de 1954, depararam-se com uma descoberta extraordinária, feita por Joaquim Moraes e seus filhos quando faziam trabalhos de saibramento. Tinham descoberto um tesouro, composto por um colar em ouro, inserido num pequeno pote de cerâmica. Perante o elevado valor arqueológico do achado e o risco de este se perder para sempre, caso fosse vendido ou derretido para recuperação do ouro, Fernando Ferreira da Costa adquiriu o colar e entregou-o ao Museu Etnológico Português, antecessor do atual Museu Nacional de Arqueologia, onde pode ser admirado na Sala do Tesouro.

Os estudos efetuados indicam que o tesouro consiste num colar articulado constituído por cinquenta e seis placas em ouro, decoradas e todas com uma forma retangular, ligeiramente trapezoidal. Estas placas estariam originalmente ligadas, em forma de coroa circular, através de um fio que passava nos tubos resultantes do seu enrolamento nas margens e o todo estaria cosido no vestuário ou num suporte em couro. É contemporâneo dos primeiros influxos orientalizantes a chegar ao Noroeste peninsular, datáveis da primeira metade do século VII a.C.¹⁵⁴. Contudo, o estudo das circunstâncias do achado nunca foi concretizado, permanecendo a dúvida de saber se o colar estava num contexto original, possivelmente de sepultamento, ou num contexto posterior de ocultação, isto é, de entesouramento.

152 Balsa, C. (2023). Albergaria da Campeã. *Povoamento e Vias de Comunicação ao Longo da História*, vol. II, pp. 221-250.

153 Tudo o que se conhece sobre Frei Vicente é do domínio da tradição oral, na qual se baseia o opúsculo (Traços Biográficos do Virtuoso e Venerável Frei Vicente de N.ª Senhora da Conceição, 1947).

154 O primeiro estudo sobre o colar encontra-se em (Silva, A. C., 1986. *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins).

A Quinta da Malhada foi para os membros do grupo Metanoia uma nobre utopia, pois ali sonharam viver em comunidade, de acordo com os seus ideais evangélicos e com as suas convicções político-económicas; ali encontraram a inspiração para redigir alguns dos textos publicados nas edições Metanoia e no *Boletim Cooperativista*. Foi também na Campeã que Luísa Dacosta deu os seus primeiros passos na literatura e começou a escrever o seu diário, em 1948¹⁵⁵.

A amizade com Joaquim Morais e sua família sobreviveu à falência da cooperativa comunitária. O casal Ferreira da Costa e as suas filhas continuaram a frequentar regularmente a Malhada e aí passar parte do verão. Ainda hoje Fernando Ferreira da Costa é recordado por algumas das pessoas mais velhas da Campeã como «o barbas da Malhada».

Mas a cooperativa comunitária deixou também alguns dissabores ao casal, que teve muitas dificuldades em reaver algum do dinheiro aí investido. Não se conhecem os contornos exatos dos negócios desenvolvidos em parceria com Felisbela Martins da Silva, mas sabe-se que Ferreira da Costa lhe emprestou 20 000 escudos em 5 de dezembro de 1950, guardando, como garantia, duas letras de 10 000 escudos cada, que deveriam ser pagas no dia 15 de dezembro de 1960. Contudo, para reaver esse dinheiro foi necessário recorrer a uma ação de processo sumário no Tribunal Judicial da Comarca de Vila Real, que foi concluída no dia 7 de fevereiro de 1961¹⁵⁶.

A PIDE deteve Fernando Ferreira da Costa no Porto, onde residia então, no dia 28 de abril de 1962, acusado de crime contra a segurança do Estado. Esteve preso até 5 de dezembro de 1962, data do seu julgamento pelo Tribunal Plenário Criminal da Comarca do Porto, onde foi “condenado na pena de 1 ano de prisão, levando-lhe em conta a preventiva sofrida e substituindo-lhe a parte restante por multa à razão de 30\$00 diários, na suspensão dos direitos políticos por 7 anos e em 3.000\$00 de imposto de justiça”¹⁵⁷.

De acordo com Lurdes Morais, durante a sua detenção, Ferreira da Costa foi submetido à tortura da «estátua», em que era obrigado a permanecer de pé durante longos períodos. A aplicação deste tipo de tortura visava esgotar, física e psiquicamente, o detido de maneira a que este falasse. O teor exato das acusações, que motivaram a prisão, são desconhecidos, mas, de acordo com uma nota biográfica de Ferreira da Costa, os motivos estão ligados ao seu envolvimento em organizações e ações políticas e às suas atividades associativistas¹⁵⁸.

Em 1968, o casal Ferreira da Costa separou-se. Luísa Dacosta fixou a sua residência em Aver-o-mar, no moinho restaurado para habitação que o marido lhe tinha oferecido quando ela recuperou

155 Dacosta, L. (1992).

156 Processos de acções sumárias 1876/2001. Ação de Processo Sumário 68/60 da 2ª Secção do Tribunal Judicial da Comarca de Vila Real. Arquivo Distrital de Vila Real: Vila Real.

157 Registo Geral de Presos da PIDE, liv. 126, reg. n.º 25134. Arquivo Nacional da Torre do Tombo: Lisboa.

158 Macedo, F. (2000), p. 141.

de tuberculose, de que padeceu no ano de 1957. Apesar da separação conjugal, mantiveram sempre alguma proximidade. As idas à casa de Lúcia de Carvalho Nobre, madrinha de uma das filhas, serviu muitas vezes de pretexto para o reencontro. Quando Luísa Dacosta esteve gravemente doente, na sequência de um carcinoma no útero que lhe provocou uma grave hemorragia, foi-lhe feita uma transfusão com o sangue de Fernando Ferreira da Costa¹⁵⁹. O divórcio só chegaria em 1996, pouco antes de ele voltar a casar. Mas tiveram ainda de enfrentar uma última e difícil prova conjunta: a morte de Teresa, a filha mais velha, na véspera do Natal de 1998.

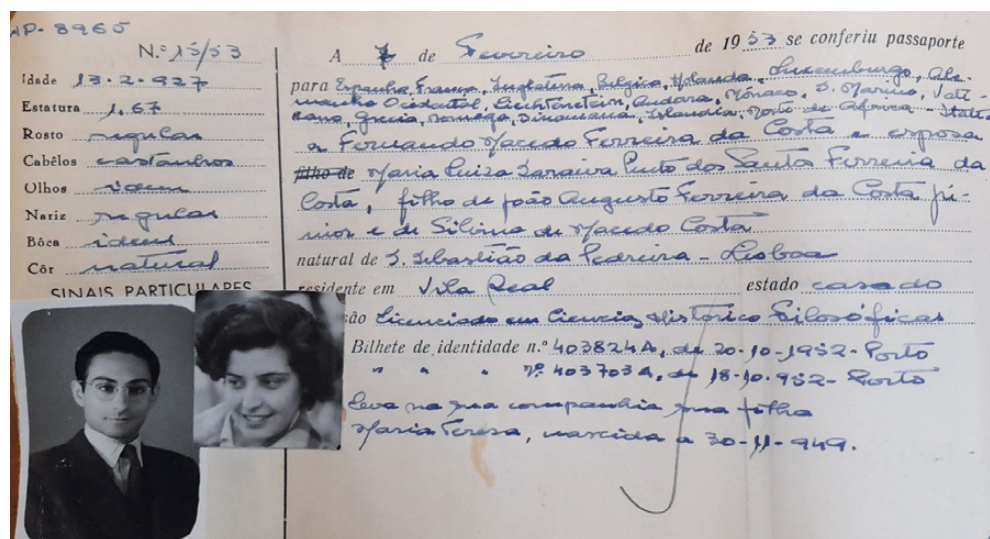


Figura 16

Registo de passaporte feito em Vila Real, a 7 de fevereiro de 1953, por Fernando Ferreira da Costa para poder viajar para a Europa e norte de África, na companhia da sua esposa, Maria Luísa Saraiva Pinto dos Santos Ferreira da Costa, e da sua filha, Maria Teresa.

Fonte: Livro de registo de passaportes 1952-12-05 a 1958-12-30, reg. n.º 28. ADVR: Vila Real.



Figura 17

Tesouro da Malhada descoberto em 1954 por Joaquim Morais e entregue por Fernando Ferreira da Costa ao Museu Etnológico Português, antecessor do atual Museu Nacional de Arqueologia (MNA), onde se encontra exposto na Sala do Tesouro. Os estudos efetuados indicam que se trata de um colar articulado produzido na época do Bronze Final.

Foto: Delfim Ferreira, MNA.

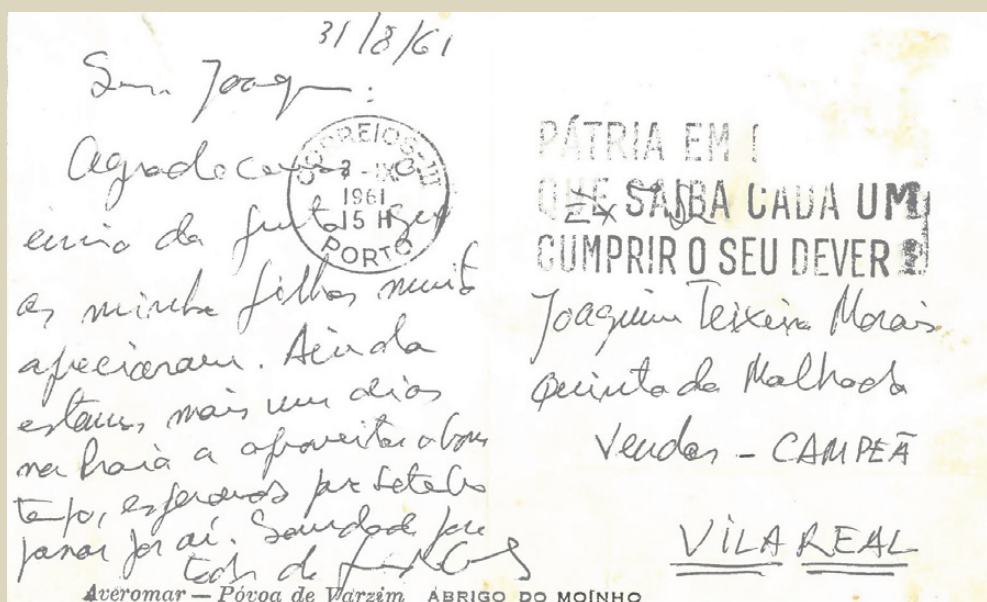


Figura 18

Frente e verso de um postal enviado de Aver-o-mar por Fernando Ferreira da Costa a Joaquim Morais em 31 de agosto de 1961. Na fotografia aparece o moinho reconstruído para habitação de férias da família Ferreira da Costa.

Fonte: cortesia de Lurdes Morais.

Nome e alcunha Fernando de Macedo Ferreira da CostaEstado Casado Profissão Director C. alNaturalidade P. Sebastião da Pedreira - Lisboa Data do Nascimento 13-2-927 35Filiação João Augusto Ferreira da Costa e Elvina de Macedo CostaResidência R. da Constituição, 407-3.º dt.º - Porto

Outras indicações

Proc.º 298/952-1.ª Div.Número do processo de valores ou documentos apreendidos Aug.º 795/952-1.ª Div.

BIOGRAFIA PRISIONAL

Preso pela Delegação do Porto em 28-4-1962, para averiguação de crime contra a segurança do Estado, tendo recolhido às suas prisões privativas (o.s. 129/952). "Em 2-3-1962 foi posto à ordem da 1.ª Secção do 2.º Juízo Criminal da comarca do Porto (o.s. 190/602)." Restituído à liberdade em 5-12-1962, por mandado do Tribunal Plurário Criminal da comarca do Porto (o.s. 353).

Julgado em 5-12-1962 pelo Tribunal Plurário Criminal da comarca do Porto, tendo sido condenado na pena de 1 ano de prisão, levando-lhe em conta a preventiva sofrida e substituído-lhe a parte restante por multa à razão de 30000 dias, na suspensão dos direitos políticos por 7 anos e em 30000 de imposto de justiça (Of.º 4444/62-5.ª R. da Delegação do Porto).

Altura 1,64 m.Côr BrancaSinais particulares 2 bra. e olhos graduados.Nacionalidade Portuguesa

Figura 19

Ficha de Fernando Ferreira da Costa no Registo Geral de Presos da PIDE. Foi detido no dia 28 de abril de 1962 e esteve preso até cinco de dezembro de 1962, acusado de crime contra a segurança do estado.

Fonte: Registo Geral de Presos da PIDE, liv. 126, registo n.º 25134. ANTT: Lisboa.

PERCURSOS DE VIDA

Os membros do grupo Metanoia tiveram todos um percurso de vida notável, muito preenchido, caracterizado pela verticalidade e integridade com que assumiram as suas responsabilidades individuais e profissionais. Manuela Lobo da Costa Simões fez carreira no ensino da História no liceu e, posteriormente, no ensino secundário. Foi autora de manuais escolares¹⁶⁰ e dedicou-se muito aos estudos femininos. Resgatou da história figuras femininas ignoradas, mas que se distinguiram pelas suas ideias transformadoras da sociedade¹⁶¹. Foi sempre feminista e antifascista. A partir de determinado momento da sua vida afastou-se da Igreja, à qual tinha dedicado grande parte da juventude. Morreu em 2017, doando em testamento o seu corpo à Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa para estudos científicos¹⁶².

Maria Lúcia de Carvalho Nobre, em paralelo com a sua atividade de docente no ensino particular e cooperativo, manteve-se sempre empenhada no desenvolvimento do setor cooperativo português, acompanhando as ações de António Sérgio. Como se viu, teve um importante papel organizativo no arranque do *Boletim Cooperativista*, onde publicou numerosos artigos. Empenhou-se muito em dinamizar a participação das mulheres na atividade cooperativa¹⁶³. Esteve também na criação da Unicoope e integrou a sua comissão feminina. Dedicou-se também ao tema das cooperativas escolares, sobre o qual publicou em 1963 um importante ensaio¹⁶⁴.

João Sá da Costa manteve-se sempre ligado à atividade cooperativista através da sua participação no *Boletim*, sobretudo nos anos 50, onde escreveu numerosos artigos de carácter pedagógico, e do seu papel muito ativo na Unicoope¹⁶⁵. Integrou a redação da *Seara Nova* e colaborou com o jornal *República*. Mas a sua principal atividade e onde mais se notabilizou foi no campo editorial, ao serviço da Livraria Sá da Costa Editora, onde conheceu Idalina Augusta

160 Entre outros, foi coautora do manual (Fernandes, M., Simões, M. L., e Freitas, G. (1968). *História e geografia de Portugal*: 1.º ano do Ciclo Preparatório do Ensino Secundário. Porto: Porto Editora).

161 Veja-se (Simões, M. L., 2001. *A Barbuda*. Lisboa: Edições Avis Rara) e (Simões, M. L., 2006. *Um Divórcio na Lisboa Oitocentista*. Livros Horizonte: Lisboa).

162 De acordo com o testemunho de Carlos Fontes, amigo pessoal de M. Manuela Lobo da Costa Simões desde 1977, transmitido por email ao longo do ano de 2024.

163 O envolvimento da Lúcia Nobre na atividade cooperativista está bem retratado no estudo (Leite, J.S. 2014. *Mulheres e Cooperativas - Do Boletim Cooperativista à Atualidade*, Lisboa: CASES).

164 Costa F. F. (1978), p. 421.

165 Leite, J.S. (2013), p. 25.

Ribeiro Fonseca, com quem casou e fundou, em 1984, as Edições João Sá da Costa¹⁶⁶. De acordo com as suas palavras:

*“no decurso de quarenta e seis anos de atividade manteve uma linha de rumo: divulgar textos resultantes de pesquisas inovadoras e de preocupações pedagógicas, abrangendo áreas tradicionalmente denominadas de letras e ciências”*¹⁶⁷.

Após ter sido demitido do INSCOOP, Fernando Ferreira da Costa visitou muitas vezes S. Tomé e Príncipe, de onde a sua mãe, Silvina de Macedo, era natural e por via da qual possuía a dupla nacionalidade luso-santomense. Passou longas temporadas na roça da família, onde se dedicou ao estudo da cultura do povo angolano, de que era descendente e que, segundo a tradição oral, tinha origem nos sobreviventes do naufrágio de um navio negreiro, na parte sul da ilha de São Tomé no séc. XVI¹⁶⁸. Dedicou-lhe estudos etnológicos¹⁶⁹, peças de teatro¹⁷⁰ e livros de poesia¹⁷¹ que assinou como Fernando de Macedo. A sua peça *Cloçon Son* foi representada, em agosto de 1997, em S. Tomé. Outra peça sua, *Capitango*, foi representada em Lisboa, na Expo'98, pelo grupo de teatro O Bando¹⁷².

Fernando Ferreira da Costa foi também autor de dois documentários televisivos. Um sobre a cultura, as danças e cantares de S. Tomé e Príncipe, intitulado *O Danço Congo e Outros Folgares de S. Tomé e Príncipe*¹⁷³, e outro sobre António Sérgio, intitulado *António Sérgio, A Voz do Contra-Poder*¹⁷⁴. Ensaçou também, juntamente com os restantes elementos do grupo Metanoia, fazer um documentário sobre o padre Joaquim Alves Correia que viria a ser recusado em 1986 pela direção de programas da RTP, o que levou Luísa Dacosta a tecer o seguinte comentário:

166 Ver (Domingues, 2002) e (Oliveira, M. S. 2011. *Livraria Sá da Costa - Uma Livraria e Editora Atavés da História (1913-2011)*. Dissertação de Mestrado em Estudos Editoriais. Aveiro: Universidade de Aveiro).

167 Costa J. S. (1998).

168 Sobre as origens do povo Angolano ver (Santo, A. E. 2021. *O elemento angolano de São Tomé: uma discussão da sua origem*. CEAs/ CSG- Documentos de Trabalho nº 180/ 2021).

169 Um desses estudos foi (Macedo, F. 1996. *O povo angolano de S. Tomé e Príncipe*. S. Tomé e Príncipe: Instituto Rei Andreza para a Cooperação e Desenvolvimento.).

170 Macedo, F. (2000).

171 Macedo, F. (1989). *Anguéne: gesta africana do povo Angolano de S. Tomé e Príncipe*. Lisboa: Sá da Costa; Macedo, F. (1994). *Mar e Mágoa*. Instituto para a Cooperação e Desenvolvimento.

172 Referido na Introdução de (Macedo, 2000).

173 Costa, F.F. (1987). *O Danço Congo e Outros Folgares de S. Tomé e Príncipe*. Lisboa: RTP.

174 Costa, F.F. (1983). *António Sérgio, A Voz do Contra-Poder*. Lisboa: RTP.

“A televisão que nos aliena com telenovelas, aumenta a febre consumista do público e está a transformar o país, através de concursos, jogos, numa imensa roleta de ganhos publicitários, não considerou de interesse lembrar Alves Correia...”¹⁷⁵.

Após a separação, Luísa Dacosta ingressou no ensino oficial público como professora na Escola Ramalho Ortigão e, mais tarde, Francisco Torrinha. Profissão à qual se dedicou por inteiro com grande entusiasmo até aos 70 anos. A utilização de sessões de leitura como forma de transmitir conhecimentos foi uma das suas ferramentas pedagógicas prediletas. O seu gosto pela literatura e pelo ensino deu também origem à publicação de uma extensa lista de livros infanto-juvenis, todos com grande valor didático-pedagógico¹⁷⁶. Até se reformar por limite de idade, em 1997, desenvolveu um notável trabalho pedagógico que a levou a fazer parte da chamada «experiência de Veiga Simão», entre 1972 e 1974, e da comissão de remodelação do ensino de Timor, em 1975. Desenvolveu manuais escolares, alternativos aos oficiais, especialmente destinados a alunos que não tinham completado a escolaridade e a estudantes adultos¹⁷⁷.

Como se sabe, Luísa Dacosta foi também autora de uma importante obra literária, composta de contos, crónicas e diários, distinguida com vários prémios. Tal como a sua atividade letiva, também muita da sua produção literária é indissociável da sua vivência no seio do grupo Metanoia.

Em 2004, Luísa Dacosta voltou a atravessar a serra do Marão para visitar a sua cidade natal e despedir-se da Campeã que tanto amara, dedicando-lhe um último texto carregado de amargura:

“Era com aquelas certezas e no fim da vida, que voltava a atravessar o Marão, a fechar aquele vale verde. (...) Aquele vale também já não era o mesmo, como já não devia ser a mesma a festa, anual, e pagã, da Senhora Sta. Ana, cuja procissão abria com o rei dos pássaros aos tiros e fechava com os amortalhados, em caixão aberto, a D. Felisbela, catequista, vestida de branco e grinalda, virginal, apesar dos seus setenta anos e de encarregada dos clisteres do senhor abade! Seguiam-se as figuras anacrónicas do Antigo Testamento. Adão e Eva, já vestidos com as suas roupas domingueiras – as parras cosidas no lugar do pecado – ela a oferecer-lhe a maçã, em bandeja brilhante do lustro puxado

175 Lopes, F. (1996), p. 217.

176 Sobre este tema ver o interessante estudo (Couto, P. M., 2003. *A Obra Infanto-Juvenil de Luísa Dacosta - O deslumbamento pela palavra*. Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses e Brasileiros apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: Universidade do Porto).

177 Dacosta, . (1970). *De Mãos Dadas, Estrada Fora*, Porto: Livraria Figueirinhas.

a «solarine», que ele, industriado pelos séculos, recusava durante todo o trajeto. Havia também uma sinistra Judite com a cabeça de Holofernes, selvaticamente empunhada, Job a coçar-se com uma telha, apesar de também enroupado, e o rei David, de manto vermelho a dançar entre guardas romanos com capacetes de bombeiros»¹⁷⁸.

Lurdes Morais não chegou a fazer o exame de admissão à terceira classe, tal como pretendiam os seus amigos do grupo Metanoia. Os seus estudos ficaram pelas lições que eles lhe deram e ela registou nos seus cadernos, guardados com muito carinho na gaveta da cómoda da sala. Conhecimentos que lhe ficaram para toda a vida e lhe permitiram saber ler, escrever e contar sem dificuldades. Regressou a casa porque nunca consentiu que os seus familiares pudessem passar por dificuldades devido à sua ausência, sobretudo à medida que os irmãos mais crescidos seguiam o seu próprio caminho e deixavam os seus pais cada vez mais sós. Nunca casou. Dedicou a vida por inteiro à família. Ajudou a criar os irmãos e cuidou dos pais até à última hora. Hoje nutre um sentimento de missão cumprida.



Figura 20

Fernando Ferreira da Costa, à direita, com o seu velho amigo Joaquim Morais. Uma amizade que começou no final dos anos 40 e atravessou várias décadas, até ao fim das suas vidas.

Foto: cortesia de Lurdes Morais.

178 Dacosta, L. (2005), p. 166.

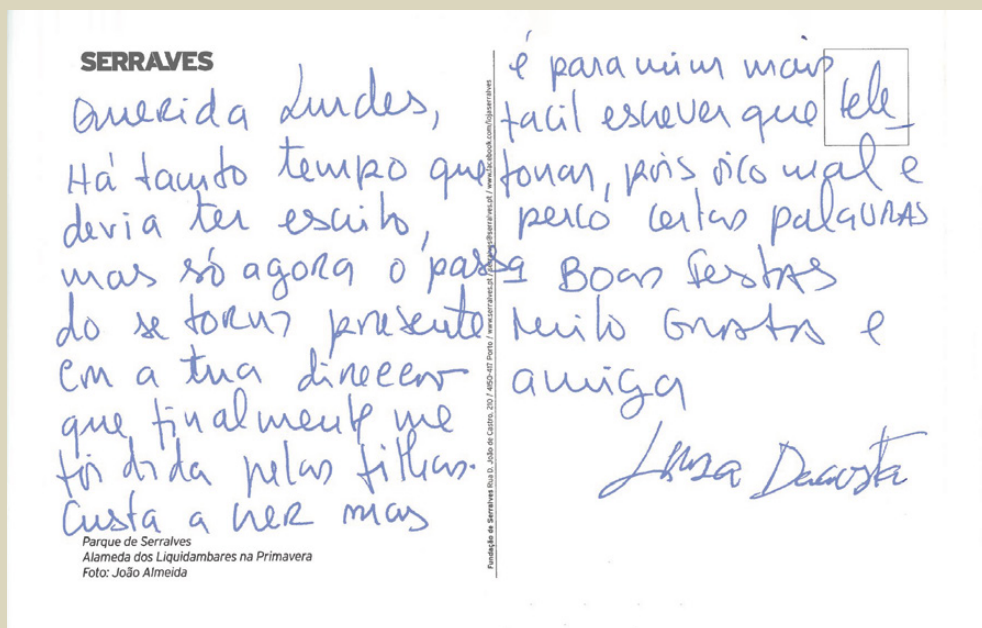


Figura 21

Último postal enviado por Luísa Dacosta a Lurdes Morais a desejar boas festas. Mostra um estado de saúde já muito debilitado. Terá sido ditado a uma das suas filhas que o escreveu, pois, a letra não é sua, com exceção da assinatura.

Fonte: cortesia de Lurdes Morais.



Figura 22

Lurdes Morais no pátio da sua casa, que outrora foi dos seus pais. Aos 95 anos continua a viver sozinha, em completa autonomia. Não tem, nem quer, televisão. Gosta de conversar e de partilhar as suas muitas recordações, sobretudo com o seu irmão mais novo Joaquim, que vem visitá-la quase todos os dias. Ao entardecer senta-se no banco de pedra, junto à entrada de casa, e aguarda serenamente pelo cair da noite.

Foto do autor.

UM RIO QUE VEM DE LONGE

O movimento de renovação da Igreja Católica é, como escreveu frei Bento Domingues, um rio que vem de longe¹⁷⁹ e do qual fizeram parte Alves Correia e os restantes membros do grupo Metanoia. Estes, por sua vez, inspiraram outros católicos a obedecerem às suas consciências cristãs e a assumirem corajosamente as suas responsabilidades cívicas e sociais. São exemplos desta verticalidade, os episódios bem conhecidos da «carta a Salazar» protagonizado pelo bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes¹⁸⁰, em 1958, que lhe valeu um exílio de 10 anos, e da «ocupação da Capela do Rato» em Lisboa, em 30 de dezembro 1972, por um grupo de católicos que pretendia meditar sobre a paz e o fim da guerra colonial¹⁸¹.

Também em Trás-os-Montes, são testemunho de ações no mesmo sentido as que foram protagonizadas pelo padre Henrique Maria dos Santos que criou, na década de 40, uma cantina para alimentar as crianças pobres¹⁸², que muito contribuiu para o combate à fome e à miséria em Vila Real, e pelo padre mogadourense Telmo Ferraz que denunciou as condições laborais e de vida miseráveis dos trabalhadores das barragens de Picote e Miranda do Douro no seu livro *O Lodo e as Estrelas*¹⁸³, publicado em 1960 e pouco depois proibido pela PIDE.

Mas, não é possível descrever as consequências da dimensão cívica e social da fé cristã em Trás-os-Montes sem mencionar o padre Maximino Barbosa de Sousa, pessoa de grande generosidade que, desde o princípio do seu sacerdócio, em 1967, pôs todo o seu talento e os seus conhecimentos ao serviço dos mais necessitados, ajudando, instruindo, mediando conflitos e, sobretudo, empenhando-se em resgatar os jovens de um destino certo, ligado à pobreza,

179 Domingues, B (2002).

180 D. António foi um admirador confesso de Alves Correia, que homenageou após a revolução; Ferreira da Costa explica no prólogo da obra (Gomes, D. A., 1993. Carta a Salazar. Amarante: Edições do Tâmega) que a chamada «Carta a Salazar» foi um texto que seu autor nunca entendeu como tal e que nunca autorizou que se publicasse, tratava-se apenas de um «pró-memória» para uma projetada, mas nunca realizada, entrevista do Bispo do Porto com Salazar, que só foi divulgada devido a uma fuga de informação.

181 De acordo com Nuno Teotónio Pereira o movimento Metanoia foi um dos precursores da ocupação da Capela do Rato (Pereira, N. T., 1992. O longo caminho até à Capela do Rato).

182 Ver autobiografia de Henrique Maria dos Santos em (Santos, 1990).

183 A obra (Ferraz, T., 1960. *O Lodo e as Estrelas*. Porto: Edição de Autor) teve posteriormente várias edições devido ao seu sucesso de vendas, cujas receitas revertem a favor da Obra Padre Américo. Aos 98 anos o padre Telmo Ferraz continua a publicar a sua crónica quinzenal no jornal *O Gaíato*.

ignorância ou alcoolismo¹⁸⁴. Foi brutalmente e cobardemente assassinado, juntamente com a estudante do liceu Maria de Lurdes Ribeiro Correia, na noite de 2 de abril de 1976, quando regressavam a Vila Real depois de terem lecionado aulas voluntárias e gratuitas a adultos na Casa do Povo da Cumieira¹⁸⁵. Atentado bombista perpetrado já depois da Revolução, no preciso dia em que foi aprovada a Constituição da República Portuguesa. O Jornalista Miguel Carvalho, autor de uma investigação de fundo sobre este crime¹⁸⁶, fez a seguinte descrição do funeral das vítimas:

*“Ao funeral, a 5 de abril, assistiram vinte mil pessoas. O comércio e os serviços fecharam portas. «Coisa nunca vista», diz quem lá esteve. A missa foi celebrada pelo padre Hélder Sá na presença de 40 sacerdotes, vindos de todo o País. Os párocos de Vila Real recusaram celebrar a missa de 30º dia. O altar dividiu os homens perante Deus. E a Maximino, à terra roubado, até o céu lhe proibiram.”*¹⁸⁷

O poeta transmontano António Cabral dedicou ao malogrado padre Maximino os seguintes versos:

Padre Max

Ver os destroços do automóvel,
o teu corpo ainda.
E os dias cumprindo o arco,
oh borboletas de fogo!
Quem se atreverá a plantar-te na memória?

«Foi melhor assim» – disseste, dentro já
da inconsútil ideia oferecida.

184 Um resumo biográfico do padre Max pode ser encontrado em (Carvalho, 2021. Padre Max, 45 anos depois: a extrema-direita matou-o, mas ninguém foi julgado por isso. *Visão História*); a obra (Costa, D., 2018. *Uma bomba a iluminar a noite do Marão*. Porto: Afrontamento.), embora ficcionada, segue de perto a realidade, recolhida através de testemunhos diretos.

185 Foi provado em tribunal que o atentado foi cometido pela organização terrorista de extrema direita MDLP (Machado, D., 2024. Extrema-direita matou o padre Max há 48 anos. *Jornal de Notícias*.).

186 Investigação completa apresentada no livro (Carvalho, M., 2017. *Quando Portugal ardeu*. Amadora: Oficina do Livro).

187 *Id.*, p. 222.

Era quase manhã: anoitecia
o teu espírito visível nas estrelas.

Digamos que não morreste,
a bomba traiçoeira explodiu,
continua a explodir dentro deles,
dos inimigos do povo. Aleluia!

Sepultemos a rosa insuportável.
O que é preciso é recompor o silêncio,
dizer ao vento: sopra, Maximino.¹⁸⁸

A partir do final dos anos 60, um grande número de católicos, a maior parte deles com um historial de militância nos vários organismos da Ação Católica, começou a desiludir-se com a Igreja portuguesa. As respostas dadas e a postura assumida pela instituição não eram compatíveis com a assunção da fé na sua autenticidade. Houve uma progressiva dissidência que, em alguns casos, culminou mesmo na rutura. Esta geração, nascida em torno dos anos 30, foi apelidada por João Bénard da Costa de «os vencidos do catolicismo»¹⁸⁹. A designação foi retirada do título de um poema de Ruy Belo, também ele, um desses «vencidos»:

Nós, os vencidos do catolicismo

Nós os vencidos do catolicismo
que não sabemos já donde a luz mana
haurimos o perdido misticismo
nos acordes dos carmina burana.

Nós que perdemos na luta da fé
não é que no mais fundo não creiamos
mas não lutamos já firmes e a pé
nem nada impomos do que duvidamos.

188 Cabral, A. (1977). *Emigração clandestina*. Coimbra: Centelha.

189 Designação utilizada num conjunto de crónicas publicadas, durante o ano de 1997, no jornal *Independente* que, posteriormente, foram reunidas no livro (Costa J. B., 2003).

Já nenhum garizim nos chega agora
depois de ouvir como a samaritana
que em espírito e verdade é que se adora
Deixem-me ouvir os carmina burana.

Nesta vida é que nós acreditamos
e no homem que dizem que criaste
se temos o que temos o jogamos.
«Meu deus meu deus porque me abandonaste?»¹⁹⁰

A dissidência deste setor católico, composto de alguns notáveis e, principalmente, de muitos anónimos, resultou de um percurso individual e não de um movimento organizado, motivada pelo despertar de uma consciência crítica da qual resultou uma quebra de confiança nas estruturas hierárquicas da Igreja¹⁹¹, convergentes em grande medida com o Estado Novo¹⁹², e, por vezes, por uma inquietação espiritual que levou à afirmação da «fé» em detrimento da «crença», de acordo com os sentidos etimológicos destas palavras. Fé, que deriva da palavra fiel em latim, assume a fidelidade aos exemplos, ensinamentos e ideias legados pela figura humana de Jesus de Nazaré e seus seguidores. Enquanto a noção de crença, que deriva de acreditar nos acontecimentos mágicos e milagrosos descritos na *Bíblia* e protagonizados pelos santos, esbate-se ou desaparece por completo. Esta recomposição da identidade católica originou uma nova forma de cristianismo de raízes católicas, individualizado e desinstitucionalizado¹⁹³.

190 Poema publicado pela primeira vez em (Belo, R., 1970. *Homem de palavras[s]*. Lisboa: Publicações Dom Quixote).

191 Um importante estudo sobre «os vencidos do catolicismo» pode ser encontrado em (Revez, J., 2009. *Os «vencidos do catolicismo» - Militancias e atitudes críticas (1958-1974)*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa (CEHR) da Universidade Católica Portuguesa).

192 Sobre as relações entre Igreja e Estado Novo ver (Simpson, D., 2014. *A Igreja Católica e o Estado Novo Salazarista*. Lisboa: Edições 70.).

193 É uma das conclusões apresentadas em (Revez, 2009, p. 175).

CONCLUSÃO

O grupo Metanoia surgiu no seio de um setor católico que pugnava por uma sociedade assente nos valores cristãos emanados dos Evangelhos. As suas ações tiveram como referenciais os modelos de cooperativismo económico de António Sérgio e o ideal cristão do padre Joaquim Alves Correia. Teve um importante papel no despertar das consciências de muitos católicos, através da divulgação do cristianismo original e das suas consequentes responsabilidades cívicas e sociais. Gerou um movimento de renovação da Igreja a partir das bases que inspirou muitos dos chamados «católicos progressistas» portugueses.

Para além da renovação da mentalidade católica, o movimento Metanoia impulsionou também um movimento de transformação social que pretendia implantar a democracia económica, alicerçada num socialismo cooperativista. A mudança de mentalidade visava criar um espírito cooperativo que facilitasse a difusão e implantação deste modelo económico.

A cooperativa comunitária da Campeã foi uma tentativa, inédita e possivelmente única, de pôr em prática algumas ideias cooperativistas ao serviço de uma pequena comunidade rural. O seu desfecho demonstrou que, apesar do grande fervor religioso, as populações rurais estavam pouco predispostas para se envolverem em organizações cooperativistas e que, por ser uma experiência isolada, foi fortemente condicionada pelo sistema político-económico vigente, que impediu a sua afirmação.

António Sérgio e os membros do grupo Metanoia criaram o *Boletim Cooperativista* para unir, dinamizar e orientar o setor cooperativo em Portugal de maneira a que este se tornasse, de certa maneira, autossuficiente. Almejavam a criação de um setor cooperativo completo, resultante da integração dos vários organismos cooperativos numa estrutura federativa que permitisse a quem o desejasse viver em regime socialista, apesar de inserido entre os setores privado e público, dominados por uma economia capitalista. Até à queda do Estado Novo, empenharam-se muito neste objetivo, em simultâneo com a luta política pela implantação de um regime democrático.

Após o 25 de Abril, o cooperativismo teve uma grande expansão em Portugal devido à sua consagração na Constituição e à criação do INSCOOP, um organismo público responsável pelo apoio ao setor, antecessor da CASES, que foi liderado nos seus primeiros anos por Fernando Ferreira da Costa. Mas, com o advento dos tempos, o cooperativismo perdeu muito da sua atratividade. Hoje em dia está pouco em voga, tendo, inclusive, desaparecido de grande parte dos planos de estudo dos cursos de economia. Acrescente-se a isso, o facto da lógica do lucro ou dos subsídios se ter apoderado de algumas organizações deste setor, desvirtuando os seus

objetivos e princípios. Porém, continua a ser um modelo económico válido que pode ajudar a resolver alguns dos problemas atuais, como o da habitação, por exemplo. A sua divulgação e promoção assume, assim, uma particular importância de forma a reafirmar os seus princípios e valorizar o seu potencial de transformação social.

Espera-se que o presente estudo sirva de referencial a futuras investigações. As fontes primárias e testemunhos diretos que foi possível recolher poderão ser enriquecidos com mais documentação, proveniente de espólios pessoais, e mais depoimentos de familiares e pessoas próximas dos membros do grupo Metanoia. Há, com certeza, muitas mais recordações interessantes que merecem ser contadas.

As informações aqui recolhidas subsidiam também o conhecimento da história do cooperativismo em Portugal, em particular, da génese do *Boletim Cooperativista*, estreitamente ligada ao movimento Metanoia. São resgatadas do esquecimento memórias de acontecimentos e ações protagonizadas pelos jovens cristãos comunitários, que testemunham o ideal cristão e a nobre utopia de que estavam imbuídos. São também descritos algumas das contribuições que estas mesmas pessoas deram ao longo das suas vidas para a transformação da sociedade, rumo a uma verdadeira democracia económica, que tarda em cumprir-se. Este trabalho presta-lhes uma singela, mas mais que justa, homenagem.

Passados mais de 50 anos sobre a Revolução do 25 de Abril de 1974, que pôs termo a um período obscuro da nossa história, espera-se que as memórias do movimento Metanoia, aqui recuperadas, possam servir de exemplo e continuar a inspirar as novas gerações.

ANEXO I

Quarto caderno de Lurdes Moraes redigido entre janeiro e março de 1950



ANEXO II

Carta enviada por Fernando Ferreira da Costa a Joaquim Moraes em 23 de abril de 1953



The first part of the paper discusses the importance of the research and the objectives of the study. It highlights the need for a comprehensive understanding of the subject matter and the role of the researcher in this process. The second part of the paper presents the methodology used in the study, including the selection of participants, the data collection methods, and the analysis techniques. The third part of the paper discusses the results of the study and the conclusions drawn from the data. The final part of the paper provides a summary of the findings and discusses the implications for future research.

The research was conducted in a systematic and rigorous manner, following the principles of scientific inquiry. The data collected was analyzed using statistical methods to ensure the validity and reliability of the findings. The results of the study indicate that there is a significant relationship between the variables studied, and this relationship is consistent across the different groups of participants.

The findings of this study have important implications for the field of research. They provide a new perspective on the subject matter and suggest areas for further investigation. The study also highlights the need for more research in this area and the importance of continuing to explore the complexities of the subject.

In conclusion, the study has provided valuable insights into the subject matter and has contributed to the body of knowledge in the field. The findings are consistent with the hypotheses and provide a solid foundation for future research. The study also emphasizes the importance of a thorough and systematic approach to research and the role of the researcher in this process.

BIBLIOGRAFIA

FONTES DOCUMENTAIS

- Análise Jurídica – Despacho. Diário da República - 2.ª Série, N.º 150, 02-07-1982, p. 5172.
- Avante! - Órgão Central do Partido Comunista Português, 1.ª quinzena de fevereiro de 1958. Arquivo do «Avante!» Clandestino. <https://www.avante.pt/pt/2649/?tpl=200>.
- Centro de Documentação e Informação António Sérgio, Casa António Sérgio - CASES: Lisboa. <https://cdiantoniosergio.cases.pt/nyron/Library/catalog/>.
- COOPAFRICA – Associação para a cooperação e desenvolvimento. Diário da República 3ª Série. N.º 242, 20-10-1986, p. 11683.
- Costa, F.F. (23 de abril de 1953). Carta a Joaquim Morais. Documento datilografado reproduzido no Anexo II.
- Costa, J. S. (1997). Intervenção de João Sá da Costa nas Comemorações do Cinquentenário da fundação do MUD Juvenil. Documento datilografado obtido de Ephemera - Biblioteca e Arquivo de José Pacheco Pereira. <https://ephemerajpp.com/>.
- Costa, J. S. (1998). Currículo Vitae. Documento datilografado obtido de Ephemera - Biblioteca e Arquivo de José Pacheco Pereira. <https://ephemerajpp.com/>.
- Decreto-Lei n.º 282/2009. Diário da República 1.ª Série. N.º 194, 7-10-2009, p.7346-7349.
- Livro de registo de passaportes 1952-12-05/1958-12-30, registo n.º 28. Arquivo Distrital de Vila Real: Vila Real.
- Livro de Registo dos Professores do Liceu Nacional de Vila Real. Ano letivo 1950-1951. Escola Secundária Camilo Castelo Branco. Vila Real.
- Morais, L. (1950). Quarto caderno com as lições dadas por Luísa Dacosta e F. Ferreira da Costa. Documento manuscrito reproduzido no Anexo I.
- MUD Juvenil (exposição), Museu do Aljube Resistência e Liberdade: Lisboa. <https://www.museudoaljube.pt/2024/07/28/mud-juvenil/>.
- Os caminhos da liberdade religiosa em Portugal (exposição). Assembleia da República: Lisboa. <https://www.parlamento.pt/Parlamento/Paginas/liberdade-religiosa.aspx>.

Processos de acções sumárias 1876/2001. Ação de Processo Sumário 68/60 da 2ª Secção do Tribunal Judicial da Comarca de Vila Real. Arquivo Distrital de Vila Real: Vila Real.

Registo Geral de Presos da PIDE, liv. 9, registo n.º 1715. Arquivo Nacional da Torre do Tombo: Lisboa.

Registo Geral de Presos da PIDE, liv. 126, registo n.º 25134. Arquivo Nacional da Torre do Tombo: Lisboa.

Presidência da República. Página das Ordens Honoríficas Portuguesas: <https://www.ordens.presidencia.pt/>.

DEPOIMENTOS

Morais, Lurdes (abr. 2024). Entrevistas presenciais realizadas pelo autor durante o mês de abril.

Fontes, Carlos (2024). Depoimentos recolhidos por email.

Costa, Cristina Ferreira da (2024). Depoimentos recolhidos por telefone durante o mês de setembro.

DOCUMENTÁRIOS

Coelho, J. (1982). Vida e Obra do Padre Joaquim Alves Correia II, Lisboa: RDP. Documentário radiofónico. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/biografia-vida-e-obra-do-padre-joaquim-alves-correia-ii/>.

Costa, F.F. (1983). António Sérgio, A Voz do Contra-Poder. Lisboa: RTP. Documentário televisivo. <https://www.rtp.pt/programa/tv/p32661>.

Costa, F.F. (1987). O Danço Congo e Outros Folgares de S. Tomé e Príncipe. Lisboa: RTP. Documentário televisivo. <https://www.rtp.pt/programa/tv/p40946>.

PUBLICAÇÕES

Balsa, C. (2023). Albergaria da Campeã. *Povoamento e Vias de Comunicação ao Longo da História, II*, pp. 221-250.

Barros, H. d., e Costa, F. F. (1983). *António Sérgio: Uma Nobre Utopia*. Lisboa: O Jornal.

Belo, R. (1970). *Homem de palavras[s]*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Bíblia. (2009). Actos dos Apóstolos. Em *A Bíblia para todos, edição literária* (pp. 2147-2202). Lisboa: Círculo de Leitores.

- Cabral, A. (1977). *Emigração clandestina*. Coimbra: Centelha.
- Carvalho, M. (2017). *Quando Portugal ardeu*. Alfragide: Oficina do Livro.
- Carvalho, M. (1 de Abril de 2021). Padre Max, 45 anos depois: a extrema-direita matou-o, mas ninguém foi julgado por isso. *Visão História*. Obtido de <https://visao.pt/visaohistoria/2021-04-01-padre-max-45-anos-depois-a-extrema-direita-matou-o-mas-ninguem-foi-julgado-por-isso/>.
- Correia, J. A. (1931). *A Largueza do Reino de Deus*. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- Correia, J. A. (1941). *O Cristianismo e a mensagem evangélica*. Lisboa: Biblioteca Cosmos.
- Correia, J. A. (1948). *O Ideal Cristão*. Lisboa: Metanoia.
- Correia, J. A. (1977). *Cristianismo e Revolução. Seleção de textos e coordenação de Anselmo Borges*. Livraria Sá da Costa Editora.
- Correia, M. A. (1950). *O Espírito de S. Francisco*. Vila Real: Metanoia.
- Costa, D. (2018). *Uma bomba a iluminar a noite do Marão*. Porto: Afrontamento.
- Costa, F. F. (1949). *Textos do séc. III - Os Primeiros Cristãos e o Império*. Lisboa: Metanoia.
- Costa, F. F. (1950). *Perspetiva de História Medieval*. Vila Real: Metanoia.
- Costa, F. F. (1950). *Topia e utopia: bosquejo para um ensaio. Tese de licenciatura em Ciências Históricas e Filosóficas*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Costa, F. F. (1962). António Sérgio e as Origens do Boletim. *Boletim Cooperativista* (100). Obtido de Centro de Documentação e Informação António Sérgio.
- Costa, F. F. (1978). *Doutrinadores Cooperativistas Portugueses*. Livros Horizonte.
- Costa, J. B. (2003). *Nós, os vencidos do catolicismo*. Coimbra: Tenacitas.
- Costa, J. S. (Outubro de 1997). *Intervenção de João Sá da Costa nas Comemorações do Cinquentenário da fundação do MUD Juvenil*. Obtido de Ephemera.
- Costa, J. S. (Novembro de 1998). *Curriculo Vitae*. Obtido de Ephemera.
- Costa, J. S. (s.d.). *Esboço de história económica da Idade Média*. Vila Real: Edições Metanoia.

- Costa, M. L. (1950). *Páginas Cristãs - Pequena Antologia*. Vila Real: Metanoia.
- Costa, M. L. (1951). Cooperação, centros de Interesse, equipes de trabalho. *Boletim Cooperativista*(6), p. 2. Obtido de Centro de Documentação e Informação António Sérgio.
- Costa, M. M. (1959). *A Veiga da Campeã - Ensaio de Estudo Monográfico*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Couto, P. M. (2003). *A Obra Infanto-Juvenil de Luísa Dacosta - O deslumbramento pela palavra*. Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses e Brasileiros apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: Universidade do Porto.
- Dacosta, L. (1962). Trindade Coelho. *Boletim Cooperativista*(100), p. 14. Obtido de Centro de Documentação e Informação António Sérgio.
- Dacosta, L. (1970). *De Mãos Dadas, Estrada Fora...* Porto: Livraria Figueirinhas.
- Dacosta, L. (1992). *Na Água do Tempo - Diário*. Quimera.
- Dacosta, L. (2005). *Houve um Tempo, Longe - Vila Real de Trás-os-Montes na Obra de Luísa Dacosta*. Porto: ASA.
- Domingues, B. (14 de Julho de 2002). A minha dívida a João Sá da Costa. *Público*.
- Fernandes, M., Simões, M. L. e Freitas, G. (1968). *História e geografia de Portugal : para o 1.º ano do Ciclo Preparatório do Ensino Secundário*. Porto: Porto Editora.
- Ferraz, T. (1960). *O Lodo e as Estrelas*. Porto: Edição de Autor.
- Gomes, A. F. (1993). *Carta a Salazar*. Amarante: Edições do Tâmega.
- Leite, J. S. (2012). *Boletim Cooperativista - António Sérgio e Discipulos*. Lisboa: CASES.
- Leite, J. S. (2013). *Boletim Cooperativista - Fernando Ferreira da Costa*. Lisboa: CASES.
- Leite, J. S. (2014). *Mulheres e Cooperativas - Do Boletim Cooperativista à Atualidade*. Lisboa: CASES.
- Lopes, F. (1996). *Padre Joaquim Alves Correia (1886-1951) - Ao serviço do Evangelho e da Democracia*. Lisboa: Rei dos Livros.
- Macedo, F. (1989). *Anguéne: gesta africana do povo Angolar de S. Tomé e Príncipe*. Lisboa: Sá da Costa.
- Macedo, F. (1994). *Mar e Mágoa*. Instituto para a Cooperação e Desenvolvimento.

- Macedo, F. (1996). *O povo angular de S. Tomé e Príncipe, S. Tomé* (3ª ed.). S. Tomé e Príncipe: Instituto Rei Andreza para a Cooperação e Desenvolvimento.
- Macedo, F. (2000). *Teatro do Imaginário Angular de S. Tomé e Príncipe*. Coimbra: Cena Lusófona.
- Machado, D. (1 de Abril de 2024). Extrema-direita matou o padre Max há 48 anos. *Jornal de Notícias*. Obtido de <https://www.jn.pt/7111457872/extrema-direita-matou-o-padre-max-ha-48-anos/>.
- Metanoia. (1949). *Boletim Especial Dedicado ao Padre Manuel Alves Correia*. Obtido de Centro de Documentação e Informação António Sérgio.
- MUD Juvenil - *Museu do Aljube Resistência e Liberdade*. (2024). Obtido de <https://www.museudoaljube.pt/2024/07/28/mud-juvenil/>.
- Neves, T. (14 de Dezembro de 2019). Dos imigrantes europeus ao P. Joaquim Alves Correia, uma universidade nos EUA. *Sete Margens*. Obtido de <https://setemargens.com/dos-imigrantes-europeus-ao-p-joaquim-alves-correia-uma-universidade-nos-eua-2/>.
- Oliveira, M. S. (2011). *Livraria Sá da Costa - Uma Livraria e Editora Atavés da História (1913-2011)*. Dissertação de Mestrado em Estudos Editoriais. Aveiro: Universidade do Aveiro.
- Papini, G. (1946). *Boa Nova*. Lisboa: Metanoia.
- Pereira, N. T. (1992). *O longo caminho até à Capela do Rato*. Obtido de <https://nunteotoniopereira.pt/multimedia/o-longo-caminho-ate-a-capela-do-rato-1992/>.
- Queiroga, S. (2019). *À procura de António Sérgio - Ensaio cronológico através de documentação bibliográfica e arquivísticas*. Lisboa : Casa António Sérgio – CASES.
- Revez, J. (2009). *Os «vencidos do catolicismo» - Militancias e atitudes críticas (1958-1974)*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa (CEHR) da Universidade Católica Portuguesa.
- Santo, A. E. (2021). O elemento angular de São Tomé: uma discussão da sua origem. *CEsA/ CSG - Documentos de Trabalho nº 180/ 2021*.
- Santos, H. M. (1990). *Aventura Feliz*. Évora.
- Saramago, J. (1981). *Viagem a Portugal*. Lisboa: Caminho.
- Sérgio, A. (1956). Que deverá ser de futuro o «Boletim» um órgão de doutrina, uma folha recreativa, ou uma combinação das duas? *Boletim Cooperativista* (34). Obtido de Centro de Documentação e Informação António Sérgio.

- Sérgio, A. (1958). Sobre o ideal da criação de um setor cooperativo completo. *Boletim Cooperativista* (52). Obtido de Centro de Documentação e Informação António Sérgio.
- Sérgio, A. (1984). *Sobre o Sistema Cooperativista*. Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- Silva, A. C. (1986). *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.
- Simões, M. L. (2001). *A Barbuda*. Lisboa: Edições Avis Rara.
- Simões, M. L. (2006). *Um Divórcio na Lisboa Oitocentista*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Simpson, D. (2014). *A Igreja Católica e o Estado Novo Salazarista*. Lisboa: Edições 70.
- Traços Biográficos do Virtuoso e Venerável Frei Vicente de N.ª Senhora da Conceição* (1947). Vila Real.

CARLOS Balsa

Nasceu em Vila Real em 1968. Licenciado em Engenharia de Minas, mestre em Métodos Computacionais em Ciências e Engenharia e doutorado em Ciências de Engenharias, pela Universidade do Porto. É também doutorado em *Sureté de Logiciel et Calcul de Haute Performance* pelo *Institut National Polytechnique de Toulouse*. Professor Coordenador do Instituto Politécnico de Bragança (IPB), onde leciona desde 1997 Unidades Curriculares da área da Matemática, e Investigador Integrado no *Research Centre in Digitalization and Intelligent Robotics* (CeDRI), com interesses de investigação no domínio da computação científica. Tem-se empenhado também na promoção e valorização dos recursos endógenos, como potenciadores do desenvolvimento económico e social da região de Trás-os-Montes. Organizou o *Ciclo de Palestras sobre os Recursos Geológicos de Trás-os-Montes*, no Museu do Ferro & Região de Moncorvo (2016), e as *Jornadas dos Recursos Hídricos e Geológicos de Trás-os-Montes*, em

Bragança (2019) e em Vila Pouca de Aguiar (2021). Coordenou os livros *Recursos Geológicos de Trás-os-Montes: Passado Presente e Perspetivas Futuras* (2018) e *Recursos Hídricos e Geológicos de Trás-os-Montes* (2024).

Em paralelo com a atividade profissional, dedica-se à investigação e à divulgação da história e do património da serra do Marão. Publicou os estudos: *Via do Marão – Contributos para o estudo do traçado do antigo caminho do Marão* (2017), *Arco Memorial da Campeã – Um importante monumento para a preservação da memória coletiva da região do Marão* (2021) e *Albergaria da Campeã* (2023). Organizou, em conjunto com a Biblioteca Municipal de Vila Real (BMVR), a Junta de Freguesia da Campeã e a associação cultural Arquivo de Memórias, o *Colóquio Viário do Marão*, realizado na Casa do Povo da Campeã em 2020, 2021 e 2023. Colaborou com a BMVR na edição dos três volumes de *Povoamento e vias de comunicação ao longo da História*, que reúnem as comunicações apresentadas neste colóquio.

CARLOS

MEMÓRIAS DO MOVIMENTO METANOIA NO MARÃO
UTOPIA CRISTÃ EM TEMPO DE DITADURA
CARLOS Balsa

